



Memórias de Parahybuna

José Deia

Paraibuna, dezembro de 2015

PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Instituto Chão Caipira Malvina Borges de Faria

Presidente Rodrigo Carlos da Silva

Paraibuna - SP - www.tvchaocaipira.com.br

Coordenação - João Rural

Revisão - Rogério Faria e José Vicente Faria

Diagramação - Patrícia Suzuki Fernandes

Paraibuna, dezembro de 2015

INSTITUTO
ChãoCaipira
"Malvina Borges de Faria"

Ao mesmo tempo, a cultura caipira vive dois momentos. Enquanto alguns ainda teimam em ignorar seu valor, muitos estão procurando conhecer a importância desse comportamento. E isso está levando nossos caboclos a saírem de suas tocas e nos mostram toda a originalidade que guardaram durante anos. Tempo em que o preconceito era geral.

Pensando nisso, é que desde novembro de 2010 Paraíba conta com uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, devidamente aprovada pelo Ministério da Justiça.

A entidade criada pela família Faria e amigos está preparando vários projetos visando o registro, resgate e fortalecimento da cultura Caipira em todo o Vale do Paraíba.

Está qualificada para receber da sociedade civil, jurídica ou pública, incentivos financeiros destinados a realização de projetos.

Dentre os projetos, um já está no ar: é a TV Chão Caipira, que surge com uma proposta inovadora na comunicação regional.

Em princípio a TV, que está no ar desde 1 de abril de 2010, está apresentando reportagens de vários temas do arquivo pessoal de João Rural.

A perspectiva é de que, conforme os projetos em andamento, passe a produzir novidades da cultura regional.

O COMÉRCIO NAQUELA ÉPOCA

Paraibuna sempre foi hospitaleira. Todas as pessoas das cidades vizinhas eram muito bem recebidas e faziam daqui seu segundo lar. Assim, havia um bom comércio de troca e venda de muitas mercadorias, tais como feijão, milho, arroz, farinha, café e tudo que se pudesse produzir nesta terra fértil e pródiga.

Alguns afirmam que existia um centro de venda e troca de mercadoria no Bairro do Comércio, outras dizem que era no Bairro da Fartura de hoje, próximo à barra do Ribeirão Fartura, onde tinha no passado três armazéns. Um deles era o Armazém do Batalha, demolido na construção da nova estrada, na época Rodovia São José-Caraguá. Tudo é válido. O Bairro do Comércio, no final dos anos 1800, chegava até as margens do Ribeirão do Fartura. Com o Rio Paraibuna margeando a cidade, no século XIX, era difícil o transporte de mercadorias vindas do Bairro do Itapeva, Bragança, Canoas, Capim D'Angola, Ribeirão Branco, cidades de Jambeiro, Redenção da Serra, Natividade da Serra e São Luiz do Paraitinga. Não tinha ponte e nem pontilhão. As travessias de mercadoria só poderiam ser feitas com canoas, lombo de burro ou nas costas do próprio dono. O local se dava no ponto mais raso do rio, que era em frente ao beco onde está hoje o Centro de Saúde local. Certamente por esse motivo, foi criado espontaneamente um ponto para comercializar e trocar todas as mercadorias produzidas nessas regiões. Essas atividades duraram até a construção de uma ponte de madeira em frente ao beco onde hoje é a Bomba do Agenor. A fonte dessa história foi o nosso amigo, um senhor que eu apreciava muito, ele gostava de contar histórias de nossa cidade, sabia de tudo, o Dr. Tarcísio Calazans de Araújo. A compra e venda ocorria no terreiro de sua casa, exatamente na Fazenda da Barra, que sempre pertenceu à Família Calazans.

Miguel Alves Pereira, pai de José Deia, residia no local onde era a Fazenda Brasil, que pertenceu aos seus avós. Ela foi abandonada por falta de recursos, como era o contrato com o Imperador da época. Ele fez parte desse comércio, mesmo residindo em Jambeiro. Foi ali que ele começou sua vida profissional e conheceu a jovem com a qual se casaria, filha de um ex-escravo da fazenda, vindo da África, casado com uma índia. Miguel Alves comprava produtos no comércio da Barra, na sexta-feira, para vender no domingo em Paraibuna. A sobra vendia em Jambeiro nos dias da semana.

O comércio da Barra era muito frequentado por pessoas das cidades vizinhas, onde se vendia, principalmente, cereais e quirera de milho, produzidos nos bairros do Bragança e Itapeva, famoso até a década de 1940.

O MERCADÃO

Com a inauguração do Mercado e da ponte de madeira coberta, construída exatamente como continuidade da Rua do Dominginho, hoje Rua Oscar Thompson, o comércio em Paraibuna estourou. Foi melhor do que se esperava. Também, com uma população de quase trinta e cinco mil habitantes só poderia se esperar um movimento extraordinário. Todo o comércio da cidade se concentrou no Mercado. Até os compradores das cidades vizinhas ficaram felizes e continuaram a frequentar nossa cidade. Acabou a travessia

do Rio Paraibuna com as mercadorias na costa, em lombo de burro ou em canoas e barcos, sempre improvisados.

O número de banca de cereais era grande. Os produtores dos bairros do Itapeva e Bragança podiam vender seus produtos tranquilamente dentro do Mercado, e mais bem acomodados. Tinha mais de trinta bancas que vendiam produtos de porcos, tais como carne e toicinho em maior quantidade, pois era a parte maior do animal – este último era única matéria prima para se cozinhar em casa. Naquele tempo, não tinham o costume de usar óleos para cozinhar, era a gordura de porco, um produto do toicinho depois de frito.

Era até bonito. Todas as sextas-feiras, quem morava na Rua da Bica, hoje Rua Antônio Pires do Prado, logo cedo já ouvia, do fundo de suas casas, os gritos dos animais sendo sacrificados. Era um terreno praticamente baldio entre a parte de trás das casas e a escola, hoje Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Dr. Cerqueira César”. Uma boa parte dos porcos vinha da zona rural em lombo de burros, amarrados pelas pernas, pé a pé, a metade de cada lado. Eram vendidos pelo melhor preço ou entregue para o comprador de costume.

O pátio, ou melhor, o Largo do Mercado, ficava lotado. Vendedores de todos os cantos do município traziam seus produtos, cereais, verduras, frutas e frangos vivos. Não se levavam as sobras do dia de volta. Cereais e produtos não perecíveis eram vendidos a qualquer preço para os comerciantes locais. Frutas e verduras eram abandonadas para quem quisesse pegar. Os mais humildes, já acostumados, vinham com vasilhas grandes e levavam tudo.

Era tanta gente que frequentava o Largo do Mercado, que a quilômetros de distância dava para ouvir as conversas do povão, podendo avaliar o espetacular movimento no local.

O município de Paraibuna produzia de tudo. Eram grandes quantidades de café, arroz, feijão, cana-de-açúcar, farinhas e muitas verduras. Até a década de cinquenta do século passado, ainda havia muitas máquinas de beneficiar café, até arroz, algumas na Vila Camargo. Alambique para destilar canas-de-açúcar e produzir aguardente, a famosa pinga da boa, eram quase incontáveis. Quase todas as propriedades tinham um alambique.

Na verdade, a crise do café, no início do século passado, afetou e muito o nosso município. Depois, com a chegada dos mineiros, que vieram para criar gado e produzir leite, foi um período muito bom para esses fazendeiros. A população do município, porém, caiu, e muito.

Miguel Alves Pereira, depois do sucesso do comércio na Fazenda da Barra, já com algum dinheiro no bolso, abandonou de vez seus direitos nas terras em Jambreiro e comprou um pequeno sítio em Paraibuna, precisamente no Bairro do Pinhal do Lajeado, onde está a Toca do Bugre, uma caverna, com entrada nas pedras no meio do morro. Na década de 1940, o melhor caminho para chegar a essa gruta era onde tinha uma igreja e residiam uns figureiros, muito famosos. Alguns remanescentes da família residem hoje na Rua Humaitá. Eram imagens espetaculares, perfeitas e muito desejadas.

Essa caverna, a Toca do Bugre, poderia e pode se tornar hoje um ponto pitoresco e turístico da cidade. Com uma visão espetacular do morro do Bairro dos Remédios, dá para ver uma boa parte do Vale do Paraíba.

Sua profundidade ninguém sabe. Pudemos na época, nos anos 1940, entrar

apenas 50 metros de profundidade, com cheiro forte de sangue deixado pelos morcegos, que existiam em grande quantidade, diziam os mais antigos. Miguel Alves mudou-se para Paraibuna, aproximadamente, no ano 1915, e logo em seguida tornou-se um comerciante de respeito no Mercado. Sua barraca aparece nas fotografias do movimento do Largo do Mercado datadas de 1916 e 1919 publicadas em livros da cidade. Alguns anos depois, passou para dentro do mercado, continuando até 1972, quando faleceu, trabalhando; portanto, 56 anos no Mercado Municipal.

NOSSA BANDA DE MÚSICA

Nossa banda de música foi memorável. O que mais marcou José Deia foram, primeiro, as alvoradas, um espetáculo sempre nos primeiros dias de festas e depois no domingo, último dia. Quem não se lembra da banda tocando de madrugada, às cinco horas da manhã? Aqueles dobrados, muito bem tocados, os mais lindos do repertório.

A segunda lembrança são as retretas no coreto de nosso inesquecível jardim. Um coreto muito semelhante ao de hoje e que jamais poderia ter sido destruído. Todos os fins de semanas, no sábado e domingo, nossa banda fazia um verdadeiro concerto em público, tocando um dobrado bem pesado. Para ficar na saudade. Tínhamos uma verdadeira orquestra. Os músicos eram de primeira linha, muito competentes. O repertório era quase todo do passado.



Era uma verdadeira festa. O jardim ficava lotado, todas as famílias subiam até a praça e ficavam sentadas nos bancos para assistir a essa belíssima retreta. Os namorados aproveitavam o momento para desfilar com muita alegria. As crianças, incluindo José Deia, ficavam brincando até a hora permitida pelos pais. Esse espetáculo durou até o dia em que o jardim ficou fechado para uma péssima reforma, por sinal inacabada. Toda a população ficou muito revoltada.

O mais importante foi a fundação do grupo, que teve o nome de Banda de Santo Antônio de Paraibuna, ou melhor: Banda do PRP, Partido Republicano de São Paulo, com alguns músicos importados e os locais do mesmo lado político. Como muitos músicos ficaram de fora, fundou-se outra, com o nome de Banda de São Benedito, ou Banda do PC, Partido Constituinte. A primeira tinha sua sede no centro da cidade e ficou conhecida por banda dos grã-finos. A segunda tinha sua sede na Rua da Bica, era a banda dos pobres. Os músicos das duas eram os melhores possíveis. Como mestre da segunda, Seu Arlindo, além do Aroca, Aldeia, Buridã, João Gradim, José Lúcio, Euzébio e muitos outros. Na primeira banda também tínhamos alguns nomes como: Seu Faria, seus irmãos José Faria e Américo Faria, Perácio, Póca, Pedrinho da Tenda, Dito Ivo - que trabalhou como caixa da Caixa Rural de Paraibuna e tocava Piston -, mais Antônio Silvino, Osmar Moraes e outros. A Banda São Benedito não durou muito. A maioria dos seus componentes mudou de município para poder dar serviços a seus filhos - o que era natural. Por exemplo, seu Arlindo foi para Taubaté. Arouca foi para Jacareí, na cidade em que seu filho, também com nome de Arouca, chegou ao cargo de Prefeito.

Com o golpe de estado na década de trinta, quando já não se podia falar mais em política, os músicos da Banda São Benedito passaram quase todos para Banda Santo Antônio, ficando uma só superbanda. Porém, não tinham mais onde tocar, não podiam mais fazer retretas. Tudo que possuíam foi perdido com a destruição do coreto, onde ficava guardado. Mais tarde puderam fazer alguns ensaios no prédio dos Camargo, onde era o escritório da Força e Luz Paraibunense, lá morava o João da Luz. Para felicidade de todos, hoje funciona no local a Fundação Cultural de Paraibuna.

Tudo foi ficando muito difícil. A banda de música precisava de músicos novos para continuar. Foi aí que o Mestre Benedito Faria organizou uma escolinha e passou a ensinar música aos garotos, entre os quais, José Deia. Mas o Mestre Faria sofreu um acidente, bebia muito e errou a direção da ponte sobre o Rio Lava-Pés, que ficava na entrada da Rua do Rosário. Em nenhuma parte da Ladeira do Rosário tinha proteção. Ele caiu antes da ponte e não teve sorte. Foi encontrado de bruços, com as mãos na cabeça, atolado num terreno úmido.

A escolinha deveria continuar e continuou, mas teve apenas um aluno, o nosso amigo José Deia, que teve aulas na residência do novo maestro, o Osmar Moraes. Deia ia muito bem. Começou pela bateria, depois trombone, mas o seu sonho era tocar piston.

No dia primeiro de fevereiro de 1948, tomou posse o prefeito Dr. Felipe de Melo. Nesse período a banda tocou pouco, o prefeito considerava todos os músicos como adversários políticos, mesmo assim estavam em todas as festas religiosas.

Com a eleição do novo prefeito, Jaime Domingues da Silva, todos os músicos ficaram cheios de esperança. Jaime gostava de música, mas faltavam artistas. A debandada tinha sido geral. A maioria envelheceu, alguns se mudaram.

Em 1953, José Deia foi servir o Exército Brasileiro em Caçapava. Lá também aprendeu muito, chegando a tocar um pouco seu pistom, mas não teve sucesso. Voltou para Paraibuna fanático por música. Tocava seu instrumento a toda hora e em qualquer lugar, até em orquestra e baile social ou carnavalesco. Quando por infelicidade, ou sorte, numa conversa informal, um curioso falou por brincadeira: José Deia, do jeito que vai, ficará um pistonista melhor que o Mestre Osmar. Foi a gota d'água. Osmar Moraes, na primeira oportunidade, pegou o pistom bom que estava com José Deia e o entregou ao seu parente Luiz Santana, que ainda iria aprender. Para José Deia sobrou um todo quebrado, sem condição de uso. A partir desse momento ele não tocou mais o instrumento e se tornou o coringa da banda, tocando de tudo, bumbo, surdo, prato, rufo, baixo, trombone;

NOSSA BANDA SE APRESENTA EM TAUBATÉ

Com a debandada de pessoas da cidade, a procura de cultura e trabalho, o principal destino era Taubaté. Por volta de 1950, o número de paraibunenses em Taubaté era muito grande, e certamente com muita saudade da terra natal. A banda de música era o que mais tinha marcado a vida desse povo. Assim, um grupo de pessoas da Taubaté, chefiado, pelo Major Nabor Nogueira Santos, convidou e patrocinou a banda de Paraibuna para uma apresentação lá.

O local escolhido foi um salão de teatro no centro de Taubaté, e não era muito pequeno. A comissão pagou tudo e alugou o ônibus. A chegada foi triunfal, foram recebidos muito bem, mostrando com carinho a alta estima que tinham por Paraibuna. Depois de um saboroso lanche, dos cumprimentos, muitos matando a saudade, todos foram ao salão para a apresentação. A maior surpresa foi o grande número de amigos e parentes presentes. A maioria tocou na banda e queria ajudar, de preferência tocando junto. A apresentação foi o máximo. A abertura, de praxe, foi um superdobrado. Todos queriam ouvir as músicas do passado, aquelas que eram tocadas no belíssimo coreto de nosso antigo jardim. Deia era músico novo, fazia marcação com um terceiro trombone, mas nem isso estava conseguindo por causa da emoção. Uma música mais bonita que a outra. O salão estava superlotado, os aplausos eram intermináveis. Ao final, foi difícil sair, todos queriam cumprimentar e agradecer por tudo e a todos.

Quando a população de Taubaté ficou sabendo, não tinha quem não quisesse ter estado presente. Uma fita foi gravada e rodou a cidade. Quando chegou a Paraibuna, a população inteira queria ouvir.

Zé Deia nunca mais viu uma apresentação tão bela como aquela.

UMA NOVA BANDA DE MÚSICA SURGE NA CIDADE

A Banda Santo Antônio estava capengando, pronta para acabar. Nem Zé Deia, que estudava no Ginásio São José, sabia que teríamos uma nova banda formada com alunos do próprio ginásio e comandada pelo Professor Antônio,

que dava aula de geografia. A banda contava ainda com o jovem Dito Faria, filho do grande músico José Faria; o Garrinha, sapateiro do Ginásio São José, e o Jovem Hélio Barreto, que estava aprendendo a tocar trombone. Ninguém sabe como arrumaram todos os instrumentos, e nem onde era a sede. Tudo era segredo. Num final de semana, numa procissão de uma festa do padroeiro da cidade, o Santo Antônio, uma notícia: a banda dos alunos do Ginásio São José iria tocar. Foi uma surpresa para os músicos mais antigos. Como ninguém sabia de nada, a pergunta: Mas que dobrado eles vão tirar? Tocaram apenas dois, sempre alternados, mas tocaram. A revolta entre os mais velhos foi geral, e o objetivo deles era acabar com a nova banda.

Foi uma briga que dava gosto. E os músicos antigos, com o apoio total do nosso amigo Antônio Elpídio, acabaram com a nova banda. Mais ainda, conseguiram fazer com que o coitado do Professor Antônio arrumasse um caminhão para fazer sua mudança com urgência para outra cidade. Antônio Elpídio logo ficou sabendo, e com mais alguns amigos foi até a casa do Professor Antônio. Deu tempo. Cercaram o caminhão de mudança e retiraram todos os instrumentos que encontraram. Para os músicos foi uma vitória, mas na verdade perderam a oportunidade de conseguir sangue novo.

Assim começou e acabou a Banda do Ginásio São José.

No final da década de cinquenta, parecia que a antiga banda iria ressuscitar, com músicos novos; entre eles o Jaiminho do Zé Feitor, que logo em seguida saiu para ser militar da Força Pública do Estado de São Paulo. Nesse período, ganharam até um novo uniforme, tudo parecia bem para a antiga Banda Santo Antônio. Assim foi até o tricentenário da cidade, em 1966, quando brilharam na procissão de Santo Antônio. Ela tocou de igual para igual com a presença da Banda do 6º Regimento de Infantaria de Caçapava, convidada para a festa. Zé Deia conhecia bem o grupo de Caçapava e conseguiu fazer uma marcação semelhante à deles, tocando o surdo. O sucesso da Banda Santo Antônio foi total, mas, infelizmente, só esse dia, acabando a festa parece que tudo mudou, houve uma debandada geral. Deia continuou sendo a salvação da banda, tocando muito mal, mas de tudo.

Mais ou menos no final da década, precisamente num dia 29 de junho, com uma procissão em Paraibuna em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus e outra em Jambeiro, com a mesma finalidade, a banda foi convidada a tocar nas duas festas. Por coincidência, o filho do maestro tinha uma namorada em Jambeiro, então este propôs tocar lá de graça, só com o pagamento das estadias, ou tocar em Paraibuna com a cobrança das taxas costumeiras. Zé Deia não gostou. Falou com o maestro: “Vamos tocar em Paraibuna, nossa cidade, por qualquer preço. Se tocar em Jambeiro será minha última participação”, medida acompanhada pelo amigo Pedro Coletor, também trombonista. A posição de José Deia não prevaleceu, foram tocar em Jambeiro. Deia e Pedro Coletor tocaram, mas cumpriram suas promessas, e a Banda acabou. Foi o fim da Corporação Musical Santo Antônio.

TURISMO

O assunto turismo já vem sendo ventilado desde 1954, quando o prefeito municipal era o Jaime. Nessa época, ele criou o Dia do Paraibunense, era em 13 de junho, ou um domingo antes ou depois. A intenção era atrair os

antigos filhos da cidade, que moravam longe, e seus amigos como turistas. Para que isso desse certo, criou-se um cadastro com nomes e endereços que deveriam ser informados pelos parentes das pessoas para que fossem remetidos convites. A época, Paraibuna ficou lotada de visitantes e turistas, o fato se repetiu em 1955. A partir do prefeito seguinte, nada mais foi feito. Mesmo no terceiro centenário da cidade, quando se esperava uma festa de arromba, muito bem programada, nada aconteceu.

Em 1972, quando José Deia realizou uma festa como jamais vista na cidade, o mesmo fato aconteceu. O prefeito era novamente Jaime Domingues. Lembrando o sucesso de 1954 e 1955, atualizaram o cadastro dos filhos de Paraibuna que estavam fora, e novos convites foram enviados. Foi o máximo. Tinha tanta gente na cidade, e mais chegando, que o bar da antiga rodoviária não pôde fechar as portas, ficando aberto até a noite do outro dia, no domingo.

No dia treze de junho de 1989, o prefeito era o Luiz Gonzaga e o secretário de turismo era o nosso amigo Walter Ebram, com a participação do José Deia. Foi inaugurada a primeira Feira do Turismo de Paraibuna. Deu muito trabalho, mas valeu a pena. No entender de Deia, foi a melhor festa que já se viu na cidade, tudo foi muito bem programado, até foi criado um grupo para receber os turistas e dar as informações necessárias. Na entrada principal da cidade, havia uma cabine para orientar e comentar os eventos que estavam acontecendo. Walter Ebram e Deia ficaram no jardim, de plantão, para ver se tudo estava correndo bem, tendo ainda como responsável pelas barracas o José Vilhena. Para o maior sucesso da feira, foi usado o esquema de Jaime Domingues e remetidos milhares de convites aos paraibunenses distantes e turistas já conhecidos. Nesse ano, os donos das barracas terceirizaram as vendas de seus produtos. O sucesso foi maior que o esperado. No ano seguinte, os próprios donos exploraram as vendas e ficaram muito contentes.

O esquema da primeira foi adotado na segunda, terceira e quarta feira do turismo. Hoje estamos na vigésima quinta feira e tudo continua como antigamente, sem convites e promoção das festas.

Como podemos notar, o turismo não é fácil. É preciso a colaboração e a vontade de todos, prefeito, diretor de turismo, presidente do COMTUR, das indústrias, do comércio e do povo em geral. A cidade tem que estar sempre limpa e manter recepcionista para informar o turista sobre onde conhecer os melhores estabelecimentos da cidade. Guararema, por exemplo, é uma cidade que de uma hora para outra se tornou cem por cento turística, só com a boa vontade das autoridades locais. Aqui é muito comum ver turista no final de semana perdido, sem saber para onde ir. Não tem autoridade, não tem recepcionista, não tem ninguém para orientá-lo. Se quisermos fazer de Paraibuna uma cidade turística, o que é bom para todos, a colaboração tem que ser total. O turismo tem que começar pela região central, depois, dando tudo certo, vamos para zona rural.

FUTEBOL

Não é fácil manter futebol de campo. Qualquer outra modalidade de esporte, como basquete, voleibol, futebol de salão, futebol de areia, handebol, são fáceis de montar ou manter. Com mais ou menos dez esportistas, pode-se ter

times para qualquer dessas modalidades. Mas o futebol de campo, com onze jogadores, é preciso de pelo menos 22 elementos. Hoje é muito difícil. Na década de 1940, Amador Celeste conseguia manter um timão para enfrentar qualquer cidade do Vale do Paraíba, incluindo Mogi das Cruzes.

Em 1949, o prefeito Dr. Felipe de Melo não se conformava com o poderio dos adversários. Logo, teve uma ideia e a colocou em prática. Desapropriou a sede do Sport Club Paraibuna, um prédio estilo colonial que era um espetáculo, demoliu e vendeu o terreno para Joaquim Alves de Oliveira. O clube era um modelo para a cidade, tinha tudo de bom. Só podiam frequentá-lo de terno e gravata. Os bailes eram os melhores possíveis. Com a demolição do prédio, tudo se acabou, o futebol desapareceu da cidade. Foi fundada a Associação Esportiva Paraibunense, cujo nome se mantém até hoje, mas de imediato não deu muito certo.

Em 1954, surgiu o Grêmio Estudantil Paraibunense, que tentou levantar o futebol local, mas não foi nada fácil. Eles tinham o seu campinho para os treinos, mas queriam expandir, para isso precisavam do campo de futebol da cidade. O prefeito era Jaime Domingues da Silva. De início não queria ceder, mas com a ameaça do grêmio, de que iria invadir o campo e fazer ali um campeonato municipal, ele cedeu. Ainda se tornou um torcedor nota dez do Grêmio, até apelidou o componente do time como a Guapa Rapaziada.

Nesse ano, tudo estava dando certo. O Grêmio tinha um time de jovens alunos do Ginásio São José, que era formado por Deia, Bilú, Galvão, João Carlos, Bigode, Ademar, Luizinho, Aroldo, Guido César, Prego e Laércio. Tinham pouquíssimas reservas, mas essa turma formavam um timão. Foi vice-campeão do torneio, porque um dos seus jogadores, o Laércio, maior marcador de gol do time, foi machucado de propósito por um jogador do União Futebol Club e ficou alguns jogos fora. Depois desse campeonato, o campo foi fechado para reforma. Reaberto, Amador Celeste também voltou e o futebol da cidade ficou imbatível.

O Grêmio desafiou o timão da AEP, formado por jogadores mais velhos, para uma partida. Um encontro que ficou na história. O jogo foi marcado para um 9 de julho, feriado. Com o campo lotado, o Grêmio começou na frente, o Deia no gol estava pegando todas, até pênalti. No outro gol, o Seu Máximo. Ninguém se conformava com a vitória do Grêmio. Máximo ficou meio fora de si e queria machucar qualquer jogador do Grêmio. A primeira vítima quase foi o Luizinho, que escapou e deu uma lição no Seu Máximo. A coisa estava ficando feia. Amador Celeste, que era o árbitro da partida, parou o jogo e propôs o término da partida antes que qualquer acidente acontecesse, o que foi aceito. A vitória foi do Grêmio.

Em 1957, o nosso amigo Amador Celeste entrou com tudo no futebol, contando com seus amigos José Cantinho, Antônio Fonseca, Artur Navajas, Jordelirio, Carlos Miranda e outros. Montou um timão, e foi vice-campeão do Vale por duas vezes, só abandonando o esporte para ser candidato a vice-prefeito do Agenor Camargo. Foi mais um período de glória do Seu Amador.

Em 1966, apareceu mais um líder para continuar o futebol em nossa terra. Dessa vez, foi o João Pessoa Nunes. Ele queria fazer um campeonato municipal, mas estava difícil porque, aparentemente, o prefeito, Agenor Camargo, não concordava. Sabendo da amizade que José Deia tinha com o secretário

do prefeito, o Roberto Celeste, Naves pediu uma audiência com ele. Contou toda a história. Convidou o Deia para participar da reunião, o que foi aceito na hora. Na reunião, Roberto continuou negando o campo de futebol para esse evento. Depois de muita insistência, o secretário alegou que precisava conversar com o prefeito para dar uma resposta definitiva. Deia pediu a palavra e disse que estava surpreso com essa alegação, porque sabia que esse assunto Roberto Celeste poderia resolver sozinho. O secretário, muito contrariado, concordou em ceder o campo para o campeonato.

Mais ou menos em 1970, surgiu outro líder para acompanhar o esporte na cidade. Seu nome era Hélio Lages, o Hélio Barbeiro, que, juntamente com João Pessoa Naves, assumiu o futebol e ficou por um bom tempo. Em 1977, Joaquim Rico tomou posse na prefeitura e resolveu mais uma vez fazer uma boa reforma no campo de futebol. Na verdade, foi a melhor de todas. Fez, ainda, uma boa quadra de basquete e voleibol e iluminou o campo para prática de esporte no período noturno. Mais tarde, foi construído pelo prefeito Loureiro também um local para prática de skatismo. Até esta data, José Deia não tem conhecimento de nenhum evento oficial praticado nesse belíssimo campo de futebol, mesmo com uma boa iluminação para o futebol noturno. O diretor esportivo tem muitas razões para optar pela a prática de esporte com poucas pessoas, é muito difícil conseguir elementos a altura para o futebol de campo.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PARAIBUNA

A Fundação Cultural de Paraibuna foi fundada em 1994, no governo de Dr. Zélio, mas a ideia já rondava as cabeças dos músicos que circulavam na casa de João Rural nos idos de 1980. Depois de muitas reuniões na casa do prefeito, por fim, surgiu a Fundação. Logo de início, teve como presidente o jovem Eduardo Rennó, que participava daquele grupo antigo. Com a eleição do nosso amigo Luiz Gonzaga, a diretoria seguinte, liderada por Roque Vieira, não deu muita atenção às formalidades da instituição. Na eleição do Loureiro, uma nova diretoria foi eleita. O primeiro ato do prefeito em relação à Fundação Cultural foi informar a promotoria pública a situação. Foi muito bom. Deu-se início a processo de regularização da entidade.

Hoje, a Fundação é uma instituição modelo, tem divulgação de seus trabalhos e bom planejamento. José Deia tem duas sugestões a fazer. A primeira é a seguinte: No mês de novembro de 2014 foram noticiados vários eventos. Deia pôde assistir a um realizado na Praça da Matriz no período da tarde. O palco foi montado, as cadeiras colocadas, mas não teve público para prestigiar os artistas. Eles ficaram sentados, brincando e fazendo alguns riscados em seus instrumentos, esperando o tempo passar, certamente para poder receber seus cachês e irem embora. Isso não poderia acontecer. Para um evento no período da tarde, a Fundação deve convidar uma escola para mandar pelo menos os alunos de uma classe. A segunda sugestão é a seguinte: José Deia pode até estar enganado, mas a Fundação Cultural sempre publica seus trabalhos, seus eventos, mas sobre outras diretorias não se sabe nada, a não ser pela televisão, parece que não existem. Vejam o campo de futebol, ninguém sabe quem é o responsável, parece mais uma obra particular, onde os skatistas praticam seus esportes sem pedir ordem a ninguém e nem sabemos

quem são os seus diretores. O povo precisa estar sabendo de tudo, foram eles que elegeram o prefeito. Por surpresa para José Déia, passando em frente ao campo recentemente, viu que estava muito bem arrumado, aberto, sem muros a vedar o seu visual. Ficou muito contente, aplaudindo totalmente o visual, mas parece que é só isso.

CLUBE RECANTO DOS TAMOIOS

O Clube Recanto dos Tamoios nasceu do empenho de José Deia e João Rural. A Associação Esportiva Paraibunense não dava mais. Depois de várias análises, pesquisas e informações, chegaram à conclusão de que a AEP se tornara uma organização sem prestígio, sem uma direção definida. Por mais que se tenha se esforçado, nenhum objetivo foi alcançado.

A solução parecia a fundação de um outro clube, com direção nova, uma melhor aparência e estilo de ser. José Deia, depois de muito pensar, lembrou logo de um amigo que de início poderia ajudar nesse projeto. Tinha dinheiro, uma visão ampla de negócios. Era um filho de sírio-libanês que residia em São José dos Campos. Foi muito amigo de Deia, seu vizinho desde quando nasceu, tiveram a mesma babá – Dita, como era chamada, e depois Dita do Roteu, com quem se casou muito mais tarde.

Explicadas as intenções para fundação de um novo clube, mostrando inúmeras vantagens, um sonho, Nicolau Stefano gostou da ideia. Como queria mesmo investir em Paraibuna, topou o negócio. Primeiro ato, achou um ótimo lugar. Pertencia na época ao José Daher, ele queria vender e Nicolau queria comprar. José Deia não sabia, mas Nicolau já tinha tentado fundar um clube em São José dos Campos com o nome de Club Ipanema. Parece que não deu certo. Nicolau apenas o transferiu para Paraibuna, querendo que fosse com o mesmo nome, mas João Rural e Deia teimavam que se chamaria Tamoios, devido as trilhas dessa tribo indígena que passava pela cidade. Não foi fácil, mas o nome ficou Club Recanto dos Tamoios.

Nicolau construiu tudo que precisava. Vendeu alguns títulos de proprietário. José Deia teve que comprar um. Depois venderam mais um tipo de título, que quem comprasse não pagaria mensalidade. Deia também comprou e ce-deu um título deste a seu filho Márcio.

Tempos atrás, José Deia deu outra ideia. Cada sócio poderia construir um chalé ou coisa parecida que seria alugado temporariamente aos interessados, descontando uma comissão para o clube. O saldo seria entregue ao proprietário. Essa ideia surgiu diante do número de turistas que vinha ao clube da CESP, alugando uma casa ou apartamento, ficando alguns dias na cidade. Essa ideia não teve nem resposta, ficando somente uma testemunha da proposta, que foi o João Pessoa Neves. Tudo isso ainda pode dar certo e o Clube Tamoios pode ser um excelente local. Paraibuna só tem a ganhar, o número de turistas vai aumentar e movimentar o comércio local.

Hoje, o Clube dos Tamoios, como todas as entidades coletivas de Paraibuna, não está bem. Tem muitas dívidas e o presidente atual, Mauro Campo, está tentando pagar. Mas isso não é o pior, os atuais proprietários do clube não conhecem seus direitos. O Tamoios é uma empresa particular de sociedade limitada, todos os cotistas são donos, nada pode ser feito sem suas autorizações. Sua área não é pequena, e seu valor não é pouco, é um terreno bem

localizado. Todos os presidentes depois do Lauro Ortiz foram irregulares. Boa parte dos antigos donos faleceu e não se conhecem os verdadeiros herdeiros ou donos das cotas para que se possa atribuir seus direitos. Segundo o estatuto, ninguém pode ser presidente ou ocupar cargo sem ser qualificado como legítimo dono de uma cota.

O clube está sobrevivendo das rendas dos bailes do final de semana. Ninguém está colaborando com nada. Os cotistas, ou melhor: os verdadeiros donos, não estão preocupados com a situação, não imaginam o valor de seus direitos naquele patrimônio e sua responsabilidade no bom andamento da sociedade. Falta essa participação para que ele se torne um negócio rentável, com suas cotas bem valorizadas.

Com a construção da segunda pista da rodovia dos Tamoios, uma boa parte do patrimônio foi ocupada pela estrada, cujo valor não é pequeno, mas ainda não foi pago, e o restante do terreno foi avaliado em três milhões de reais. O clube tem cento e sessenta e oito proprietários, a cota de cada um vale pelo menos vinte mil reais. Com esses valores, não é possível que o Clube dos Tamoios fique jogado ou abandonado. É hora de agradecer a Deus por tudo, arregaçar as mangas e fazer dele um bom negócio. Tem muitas soluções para isso e José Deia mais uma vez pode dar uns palpites:

Primeiro – Valorizar as cotas do proprietário para vinte mil reais.

Segundo – Programar a construção de chalés à custa dos proprietários que quiserem investir, incorporando os gastos dos valores das cotas, com cinquenta por cento das rendas aos participantes e o saldo para melhoria do clube.

Terceiro – Tudo tem que ser alugado: Quadra de esporte, piscina, sede social e tudo mais.

Política

PARAIBUNA DEPREDADA

Paraibuna foi praticamente destruída na época da ditadura. Depois do golpe de estado em 1930, a forma de governo no país era uma ditadura, e o ditador era Dr. Getúlio Vargas.

Na última eleição, já em 30 de julho de 1936, os vereadores eleitos foram Antônio Ezequias Calazans, Benedito Siqueira e Silva, Isidro Domingues, Dr. Jorge Washington de Camargo, Dr. Nicanor de Camargo Neves e Manoel da Rocha Leão. Realizada uma eleição da Câmara para composição da mesa, foram eleitos, para presidente, Dr. Jorge W. de Camargo, para vice, Isidro Domingues, e, para secretário, o Manoel da Rocha Leão. O secretário da hora, o Benedito Siqueira e Silva, declarou encerrada a sessão. Ato contínuo, Dr. Jorge W. Camargo deu início a uma nova sessão para eleição do novo prefeito, o escolhido foi o Dr. Nicanor de Camargo Neves.

No final de abril de 1937, Dr. Nicanor pediu licença. Assumiu seu substituto, o Altamiro Lopes. Ao terminar a primeira licença, Dr. Nicanor pediu novamente uma nova licença, e Altamiro Lopes mais uma vez assumiu como prefeito interino da cidade. Em novembro de 1940, foi à casa do Miguel Alves, pai de José Deia, para comunicar sua saída e pedir desculpas por não poder terminar o serviço que tinha começado, as obras das guias e sarjetas da Rua da Bica.

Veio a época de depredação da cidade. O prefeito foi o Dr. Jorge Washington de Camargo, que era o presidente da Câmara Municipal e filho do Cel. Eduardo José de Camargo. Tomou posse no mês de janeiro de 1941, ficando como prefeito até dezembro de 1946. Temos a certeza de que nada foi de propósito, tudo foi por falta de conhecimento e experiência administrativa. Ele costumava dizer que admirava muito o trabalho de José Deia, era o seu maior freguês de laranja Tangerina.

Paraibuna tinha um jardim, muito embora abandonado, sem grama nos canteiros, totalmente de terra batida, mas num estilo colonial espetacular, muito parecido com o de hoje, após restauração do nosso amigo Luiz Gonzaga quando prefeito. Apesar de bonito, não chega nem perto do antigo. Foi construído um novo jardim pelo prefeito Dr. Jorge, de muito mal gosto e inacabado.

Destruíu o comércio da feira livre, tirando-ado Largo do Mercado e passando-a para o fundo do Mercado, um local cinquenta por cento menor. Proibiu o comércio em geral de funcionar aos domingos, uma tradição na época. O movimento da cidade caiu quase para zero. No Mercado, o único comerciante que permaneceu e suportou a crise foi o Miguel Alves. Para efetivar as mudanças da feira livre para o fundo do Mercado, mandou plantar árvores no largo do mercado, as quais, além de prejudicar os produtores rurais, mexeram com a criançada da Rua da Bica e região, que ficou sem local de lazer e sem o campinho para jogar futebol.

O único projeto de sua autoria que poderia até consagrar o seu nome, mas ficou abandonado por mais de dez anos, foi o da Rua Capitão Porfírio, no fundo da Escola Dr. Cerqueira César e fundos da Rua da Bica. Uma rua que foi mais uma travessa do Largo do Mercado para a Rua do Dominginho.

O tempo do prefeito estava contado. Logo veio um golpe de Estado, e o Presidente Dr. Getúlio Dorneles Vargas foi deposto. Com isso, Dr. Jorge Caramargo também teve que deixar a Prefeitura e entregou o cargo a seu secretário, Ciro Alves da Silva, mais conhecido como Seu Xixi, que, assumindo o cargo em janeiro de 1946, ficou até abril de 1947, quando um novo prefeito foi nomeado.

PRIMEIRO GOVERNO JAIME

Jaime Domingues da Silva assumiu a prefeitura em abril de 1947, ficando até dezembro do mesmo ano. Era amigo da família de José Deia desde a década de 30, quando seu pai foi sócio por um dia do Seu Miguel, pai do Zé Deia, na compra de uma frota de fordinho 29 para alugar. Na década de quarenta, foi proprietário de uma tipografia instalada em frente o Grupo Escolar e redator do Jornal O Paraibunense. Em pouco tempo de governo, Jaime pôde mostrar que, quando se quer, tudo é possível. Executou em menos de sessenta dias mais que o prefeito anterior em toda sua gestão. A sua obra mais importante foi arrumar a Rua Humaitá, que estava toda esburacada há mais de cinco anos. O motivo da destruição total da rua, foi uma tromba d'água que caiu no vale onde é hoje a Vila Monsenhor Dutra. Ficou inclusive o serviço de esgoto a céu aberto. Foi a coisa mais importante que poderia ser feita na época. Ao mesmo tempo, autorizou o comércio da cidade a voltar como era antes, abrir suas portas a semana inteira inclusive aos domingos. O Mercado também entrou nessa. Não voltou a ser o que tinha sido, mas foi aprovado por toda a população da cidade. A alegria foi total.

DR. FELIPE DE MELO 1948 A 1951

Os primeiros candidatos a prefeito, depois da queda do Presidente da República e saída do Jaime, foram Dr. Felipe de Melo e Juventino de Oliveira Junior, o Tininho.

Jaime Domingues não pôde ser candidato, como era a vontade de todos. Nomeado fiscal de renda, tinha que tomar posse imediatamente.

Dr. Felipe era médico. O único durante muitos anos. Só tinha como parceiros três farmacêuticos: Benedito Nogueira Santos, o Dito Santo; Benedito Siqueira e Silva, o Seu Siqueira; e D Jandira Lopes, que tinha uma farmácia no Largo do Mercado onde é hoje o Restaurante Santo Antônio. Os três eram verdadeiros médicos, dando pequenas receitas e vendendo remédios que julgavam indicados para os males dos seus fregueses.

Miguel Alves Pereira, uma pessoa sempre respeitada, com opiniões imparciais quando o assunto era política, argumentava que a população tinha uma dívida moral com Dr. Felipe por ter salvado a vida de muita gente, e o voto era a oportunidade de pagá-la. Seu Miguel dizia com certeza que Dr. Felipe ia ganhar aquela eleição, mas seria a única, porque ele não tinha gabarito para ser prefeito. Acertou na mosca. O doutor foi eleito, mas foi um péssimo prefeito.

José Deia, que tinha Dr. Felipe como médico da família, usou esse mesmo argumento para com o Dr. Zélio. Quando este foi candidato a prefeito, Lauro Eduardo Prado Gonçalves, o Laurinho, perguntou quem ganharia. Deia foi

categorico: Dr. Zélio ganha essa, mas só essa.

Dr. Felipe foi um péssimo prefeito, só fez coisas erradas. Teve tantas falhas que não conseguiu terminar o mandato e passou alguns meses na cadeia em São Paulo. Mas teve uma recepção honrosa no seu retorno, depois de oito meses.

Entre suas falhas, tivemos o lastimável fechamento, a proibição categórica, da entrada de qualquer pessoa num lugar pitoresco, saudável e muito bonito, que era o Fundão da Caixa D'água, colocando em duas casas, logo na entrada, duas mulheres extremamente suspeitas.

Uma delas havia sido denunciada pela Câmara Municipal pelo desvio de duzentos mil cruzeiros para uso próprio. Para salvar a pele, emprestou de João Elpídio, pai do Antônio Elpídio, o valor correspondente. Num comício no Largo do Mercado, num certo domingo, defendeu-se, mostrando que tinha o dinheiro no cofre para quem quisesse contar. Depois disso, o pior aconteceu. João Elpídio falava alto a qualquer pessoa que tinha perdido esse dinheiro emprestado, e que o Dr. Felipe jamais o pagaria. O que de fato deve ter acontecido.

O médico continuava aprontando. Ser prefeito não era o seu forte. A oposição, comandada pelo Agenor de Camargo Neves, contratou uma pessoa com o nome de Lobato, mais conhecido como Lobatinho. A função dele não era difícil, tinha que provocar o Dr. Felipe e aguardar os acontecimentos. Foi o que aconteceu.

Lobatinho não demorou muito e teve uma oportunidade. Na esquina da Rua Cel. Marcelino com a Ladeira do Humaitá, como era conhecida, encontrou o prefeito e chamou de incompetente e muitos outros nomes que não sabemos. O resultado foi o esperado. Dr. Felipe, que sempre andava armado, pegou seu revólver pelo cano e bateu com muita força e várias vezes na cabeça do Lobatinho, tirando-lhe sangue. Ferido, não perdeu tempo. Foi logo à polícia e registou a queixa. A delegacia não ficava longe do local, era até muito perto. Naquela época, ela estava instalada numa casa na esquina da Ladeira da Cadeia e Praça João Pessoa, o Largo do Mercado, onde atualmente reside a Estelinha Nogueira. Já estava tudo armado.

Após a denúncia e exames de praxe, o caso foi remetido imediatamente ao Ministério Público. Primeiro ao promotor público depois ao juiz de direito, que o condenou a oito meses de prisão em regime fechado. A cidade ficou cheia de soldados, parecia uma praça de guerra. Eles procuravam Dr. Felipe por toda parte, até que chegou uma informação à polícia. Era mais ou menos oito horas da noite. A polícia correu logo para Rua da Bica, onde era seu reduto político. Lá tinha somente uma família contra o prefeito, a família do Bento Maia.

Dr. Felipe estava acuado, não tinha onde se esconder ou fugir. Lembrou logo. A casa do seu Miguel. Ninguém teria coragem de duvidar de sua palavra. Não deu outra. A revista foi geral em todas as casas. Quando chegaram na do seu Miguel, o soldado Tercílio, o mais antigo da turma, logo falou: “Na casa do Seu Miguel, não. Ele é um homem de respeito, imparcial. Não é político e jamais poderia esconder Dr. Felipe”. Ele foi salvo.

Logo mais tarde, o médico tinha que sair da cidade, mas com polícia de todos os lados veio o plano. Antônio Elpídio tinha um caminhão que transportava, toda semana, um carregamento de carvão de lenha para uma siderúrgica de

Mogi das Cruzes e, por coincidência, naquela noite ele estava preparado para a viagem. Seu Miguel sugeriu abrir um buraco no meio da carga, Dr. Felipe ia dentro, ninguém vai suspeitar. Tudo foi feito conforme o combinado. Ao chegar na cabeceira da ponte do Rio Paraibuna, lá estava uma barreira de soldados que pararam o caminhão, vasculharam tudo, e nada foi encontrado. Dessa, Dr. Felipe escapou. Chegando a Mogi das Cruzes, ele resolveu ir a São Paulo e se entregar à polícia, com a afirmativa de que, se fosse pego em Paraibuna, poderia ser linchado pelos adversários.

Sua pena era de oito meses. Nesse período, gravou um disco se lamentando e culpando os adversários. Centenas de cópias foram feitas e vendidas. Tudo passou logo. Saiu do presídio, voltou a Paraibuna. Foi recebido na cabeceira da ponte na entrada da cidade por uma multidão, com tanta gente que daria para eleger qualquer pessoa em qualquer cargo na cidade. Só que a maioria era de idosos, que não votavam mais. Eram pessoas que deviam milhares de favores ao Dr. Felipe. Em seguida, fez mais um comício no Largo do Mercado, agradecendo a todos, e prometeu tentar uma reeleição, mas não deu certo, foi derrotado várias vezes. Alegou que a derrotas eram pragas de padre. Procurando outra alternativa, foi candidato a vereador. No primeiro mandato foi eleito com uma boa votação, mas provou que não tinha gabarito para isso também. Com a votação sempre caindo, declarou o fim de sua carreira política.

JAIME DOMINGUES DA SILVA 1952 A 1955

As eleições estavam próximas. Os candidatos eram Jaime Domingues da Silva e Benedito Siqueira e Silva.

Jaime Domingues ganhou fácil, o adversário era muito fraco. Assumiu o cargo no dia primeiro de janeiro de 1952, e no mesmo dia transferiu o cargo ao vice-prefeito, Amador Celeste. Reassumiu por definitivo em 13 de abril daquele ano, ficando até dezembro de 1955. Foi um sucesso que ficou na história da cidade.

Logo de início, conseguiu do Governo do Estado um motor a diesel que veio resolver a falta de energia elétrica da cidade, mal iluminando as ruas. Antes disso, teve que comprar a velha usina que serviu a Paraibuna desde o início do século. Conseguiu mais um dinheirinho e colocou água em abundância em todas as casas. Em seguida, com mais um pouco de tempo, emprestou recursos de Joaquim Alves e colocou esgoto na cidade inteira. Os piores problemas já estavam resolvidos: água, luz e esgoto. Por que mais?

Mas ele fez coisas que muitas pessoas não concordaram. Comprou o prédio do Hotel Matriz, uma sociedade dele e José Elias Cantinho, com uma promessa verbal aos Ubatubano, donos do prédio, um patrimônio histórico, de que não seria demolido. O imóvel foi posto abaixo. Não sabemos porquê. Em pouco tempo só ficou o terreno no lugar, que foi vendido a Dito Ananias, José Ferreira Rosa, Jordelirio Moreira Naves e José Daher. Demoliu também a famosa Cadeia Velha, onde estava instalada a Prefeitura Municipal. Um prédio que hoje seria mais que um patrimônio histórico, protegido por lei.

Mandou demolir também um salão de teatro que ficava ao lado da Câmara Municipal, onde é hoje a segunda via de descida para o Beco do Coqueiro. Diziam as más línguas que foi para apagar alguma mancha em sua vida. Ali

foi o primeiro salão de cinema da cidade, de propriedade de seu pai, Isidro Domingues, e tinha até um camarote para sua mãe assistir aos filmes, enquanto ele era o porteiro.

Ainda financiou os moradores da Rua Coronel Marcelino para que mudassem as fachadas de suas casas para um modelo atual, que não fosse mais colonial.

Antes de Jaime ser prefeito, ainda no governo do Dr. Felipe, acabou-se com a bela sede do Sport Club Paraibuna, acessível apenas à elite local. Esse prédio ficava onde é hoje a casa da família do Dr. Zélio. Era muito parecido com a casa do falecido João Barreto, hoje comprada e reformada pela família do nosso amigo João Ferreira Moura, sócio do Fazendão. De lado a lado, as fachadas de tipo colonial da Rua de Cima estão todas diferentes. Nada mais existe. Tudo era um complemento da Praça Matriz e Rua Cel. Camargo. Todos os prédios da Rua de Cima, Praça Matriz e Rua do Meio foram construídos na mesma época.

Jaime Domingues ainda foi o prefeito que mais fez calçamento na cidade. Com todas as suas realizações, ele é considerado o melhor prefeito de Paraibuna até hoje.

BENEDITO ANTUNES DAVID PRIMO 1956 A 1959

Jaime Domingues teria que escolher um substituto. Não estava fácil. O novo candidato enfrentaria inúmeros problemas, desde o pagamento das dívidas da prefeitura até as pressões dos adversários.

Numa noite, mais ou menos às oito horas, Dito Julião, o Benedito Antunes David Primo, chegou à padaria do Artur Navajas para comprar pão para seu delicioso café do dia seguinte. Jaime, que estava conversando com alguns amigos, como José Elias Cantinho, Nico Fonseca, Amador Celeste, Manoel Carvalho e Carlos Miranda, quis fazer uma brincadeira. Convidou o Dito Julião para ser o candidato a prefeito. A resposta não demorou nada: “O senhor acha que eu mereço?” Jaime respondeu: “Merecer, merece, e muito, mas os problemas são sérios. Seríssimos! Tem muita conta para pagar. O próximo prefeito não vai fazer nada, porque não vai ter dinheiro, além de enfrentar um sério candidato, Dr. Felipe de Melo.” Julião respondeu: “Isso não é problema. O povo sabe que eu não vou fazer nada. Se eu perder, perco para o Dr. Felipe de Melo. Se ganhar, levo a eleição, sou um vitorioso contra o Dr. Felipe de Melo”. Para vice, foi mais fácil. Manoel Inácio de Carvalho, que estava junto, disse: “Eu vou colaborar com meu amigo Dito Julião. Se ele for candidato a prefeito eu serei candidato a vice.”

Dr. Felipe comemorou essa candidatura: “Esta está no papo. Com esse adversário, já estou eleito!” Fez até uma promessa: “Se Julião vencer essa eleição, vou engolir o pneu da plaina, inteiro e sem graxa.” Promessa que não cumpriu... A plaina era o único veículo em poder da prefeitura, uma moto niveladora que o Governo do Estado tinha emprestado, quebrando um galhão.

O resultado da eleição foi uma surpresa para todos. Julião ficou felicíssimo. Ganhou uma eleição do Dr. Felipe! Até se esqueceu de todos os problemas que viriam pela frente. Para o médico, foi a maior derrota de sua vida. Perdeu a eleição para um homem que de política não entendia nada, “quase um

analfabeto, um simples motorista de caminhão leiteiro, morador numa casa pobre na Rua do Rosário”. O que deu errado? Pensava Felipe de Melo. Ele não sabia e não ficou sabendo. Pouquíssimas pessoas tinham conhecimento dos fatos. Naquela época, tinha um grupo de pessoas neutras, outras filipistas e outras contrárias, mas que pensavam no bem-estar de todos. O pensamento deles era o melhor possível. Os amigos verdadeiros do Dr. Felipe achavam que ele não podia ocupar nenhum cargo público, principalmente o de prefeito. Já tinha dado prova em sua primeira eleição.

Julião ficou muito feliz com a eleição, aceitou o cargo e não queira intervenção de terceiro de jeito nenhum. Fazia de tudo. Seu primeiro ato foi dizer ao Jaime que o prefeito eleito era ele e que ia fazer o que a cabeça dele mandasse.

De fato, não pôde fazer nada, mas soube administrar a prefeitura e pagar uma boa parte das dívidas.

Jaime tinha perdido a câmara, a oposição tinha a maioria. Não foi difícil usarem esse fato para apresentarem a denúncia de que o prefeito tinha gasto duzentos mil cruzeiros sem autorização da casa. O resultado foi indiscutível, pagar os duzentos mil ou ir para cadeia. A única solução: Quando a bomba estourou, Jaime Domingues já tinha a maioria novamente. Um dos vereadores, de comum acordo com seus colegas, apresentou um projeto dando ao Jaime uma gratificação de igual valor do processo, duzentos mil cruzeiros, pelos ótimos serviços prestado à cidade de Paraibuna em seu primeiro mandato. Tudo deu certo. Jaime Domingues conseguiu quitar esse processo.

Julião fez o que pôde. O pessoal da Avenida São José ficou devendo um grande favor ao prefeito. Havia pedido à prefeitura água, luz e esgoto na avenida. De início, parecia ser difícil, muito difícil. Não se tinha dinheiro pra nada. José Vicente, que trabalhava na prefeitura, nas coletas de lixo, deu uma informação aos interessados: “Tem uns canos retirados do Fundão da Caixa D’Água e do encanamento das Laranjeiras. Também tem os fios da usina antiga, que estão jogados no curral do conselho.” Não deu outra. Conversando com o prefeito, o Dito Julião, a resposta foi essa: “Tudo bem. Se os canos e os fios que estão sobrando servirem, podem usar, mas a Prefeitura não pode ajudar em nada”. José Deia, morador da avenida, e muito amigo do prefeito, cuidou de tudo. Convocou uma reunião em sua casa, pedindo uma contribuição em dinheiro e providenciou o necessário. O encanamento foi feito pelos próprios funcionários da prefeitura, e a linha de energia elétrica, quem mandou fazer, e trabalhou junto com os funcionários, foi o Dr. Jorge Washington de Camargo, que era engenheiro eletricista e também trabalhava na prefeitura. Toda a avenida e todas as casas foram iluminadas. A única pessoa que não colaborou foi o Joaquim Pinto, que era o dono do loteamento, mas usufruiu dos benefícios.

Dito Julião comprou até um aparelho para medir e indicar a direção de muros, valetas, colocação de postes e com muitas outras utilidades. A estreia do equipamento foi na Avenida São José. O empreiteiro para escavação da valeta foi um aleijado, que amarrava as ferramentas no braço para fazer o buraco. Conseguiu tudo, graças a Deus. Alegou o amigo: “Eu precisava desse dinheiro. Esse serviço caiu do céu!” Recebeu o pagamento, agradeceu e pediu a Deus que abençoasse a todos. O vice-prefeito não acreditava no que estava sendo feito, mas vibrou com isso.

Todos os ofícios tinham que ser redigidos de acordo com os rascunhos do Dito. Então, uma enchente arrasou a cidade, principalmente as casas do Largo do Mercado, Rua do Dominginho, da região da bomba de gasolina até parte da Rua Morta e Praça Canuto Duval, mais uma boa parte da Vila de Fátima. Num documento mandado ao Governo do Estado, pedindo auxílio com recursos para sanar as dificuldades dessas pessoas que nada podiam fazer, o governador entendeu que a prefeitura não precisava de auxílio, tudo já estaria resolvido, e publicou, com letras garrafais: PARAIBUNA DISPENSA AUXÍLIO DO GOVERNO, ALEGANDO QUE TUDO JÁ ESTÁ RESOLVIDO. Foi um Deus nos acuda! A população, quando ficou sabendo do fato, ficou indignada e queria estrangular o prefeito. Para justificar o ocorrido, seu secretário Benedito Ernesto fez outro ofício, justificando o anterior e pedindo o auxílio que precisava. Nada foi aceito e tudo ficou como estava.

Julião, cansado, pediu umas férias, assumindo no seu lugar o vice-prefeito, Manoel Inácio de Carvalho, que num mês deixou a cidade um brinco, limpa e agradável. Sem buracos, jardim bem arrumado, lavou a caixa d'água, a água ficou limpíssima. Foi muito aplaudido pela população. Julião não gostou nada disso, reassumiu seu cargo e cumpriu seu mandato até o fim.

Ele pagou um preço muito alto como prefeito, acabou com sua vida. Ficou com uma aparência como de quem estava muito cansado, ficou mais pobre, sem dinheiro e desacreditado na praça. Mesmo assim, foi um bom prefeito. O mais honesto que eu vi até hoje.

JOSÉ OZIAS CALAZANS DE ARAÚJO 1960 A 1963

José Ozias Calazans de Araújo passou muito tempo fora da cidade. Desde muito jovem foi para São Paulo, só voltando a Paraibuna como candidato a Deputado Estadual, pedindo voto a toda a população como filho da terra. Seus pais tinham um bom relacionamento com a família de José Deia há mais de cinquenta anos, desde quando a Fazenda da Barra era quase um centro comercial de Paraibuna. Sua irmã Petra Calazans foi professora de Deia no terceiro ano do Grupo Escolar “Dr. Cerqueira César” em 1946.

Ele obteve ótima votação para deputado, mas não foi eleito. Tentou uma segunda vez, também sem sucesso, mas ainda com boa votação na cidade. Ficou amigo da população. Parece que estava gostando da cidade, tanto que foi convidado a ser candidato a prefeito. Por sua própria natureza, aceitou logo. Era uma esperança para todos. Uma figura nova, morando na capital, deveria ter muita experiência, era um bom político. Tinha tudo que Paraibuna precisava e, mais, não tinha outro candidato.

Apesar de o adversário residir e trabalhar em São Paulo, Dr. Felipe de Melo mais uma vez foi derrotado. Dessa vez para um estranho. A eleição foi em 1959, quando Julião ainda era prefeito.

José Calazans tomou posse no dia primeiro de janeiro de 1960. Ainda não tinha completado vinte quatro horas, foi para São Paulo, onde tinha os seus interesses, deixando em seu lugar um secretário, Mauro Mariano Leite.

O primeiro ato do secretário do prefeito foi o calçamento da Rua Major Ubaturano, a Rua Morta, como era conhecida também a rua onde ele residia. Foi o calçamento mais caro e o mais demorado da história. Ele queria e fez um

trabalho completo, com guias e sarjetas. A construção das sarjetas deve ter ficado mais cara do que tudo e provocado um atraso geral nos serviços.

José Calazans continuou morando na capital. Qualquer solução urgente tinha que esperar até o fim da semana ou mais outra. Para o secretário, tudo isso era normal. O eleito não pôde fazer nada para que nossa cidade prosperasse o pouco que fosse, ainda mais sem dinheiro no cofre. O muito que ele pôde fazer foi trazer o serviço telefônico para Paraibuna, importantíssimo para cidade, ligando-a ao resto do mundo. Na inauguração, convidou pessoalmente José Deia, com a afirmativa de que sua presença era indispensável.

O próprio Carvalho Pinto, governador do estado, cobrou alguma coisa num telegrama com os seguintes dizeres: “Insistimos na construção de pelo menos casa da lavoura nessa cidade. Paraibuna - única cidade do estado de São Paulo sem benefícios plano de ação”.

Assim, o final de seu mandato foi um corre-corre que dava medo. José Calazans tinha que pagar tudo, não poderia deixar nenhuma dívida para o próximo prefeito. Teve muita sorte. Conseguiu, como um milagre, vender o serviço de produção e distribuição de energia elétrica para COMEPA. A Companhia Melhoramentos de Paraibuna era uma firma criada para construir as represas do Rio Paraibuna e Paraitinga, ainda ficando sócio, cujo patrimônio valorizou e muito. Recebeu nove mil cruzeiro e outros mil em títulos da COMEPA. Pagou todos os compromissos e ainda ficou um saldo que distribuiu para as entidades como Instituto Santo Antônio, Santa Casa e Vila Vicentina.

Conseguiu por fim atender o pedido do governador. Foi construída a Casa da Lavoura.

Ele era a esperança da cidade. Todos achavam que morando em São Paulo seria mais fácil conseguir benefícios, mas não foi isso o que aconteceu. Assim terminou seu mandato.

AGENOR DE CAMARGO NEVES 1964 A 1967

Agenor Camargo sempre foi conhecido como uma pessoa esquisita e, diziam as más línguas, perigosa. José Deia tinha um tio que morou por muito tempo na Fazenda Boa Esperança e sempre dizia: “O homem é muito bom, mas o seu filho é muito esquisito”. O homem era o Chico Tobias e o seu filho era o Agenor de Camargo Neves. Apesar disso, foi padrinho de casamento, na igreja, da falecida esposa de Deia, desde esse momento tornou-se amigo da família

A população da cidade sempre o culpou por tudo de ruim que acontecia, principalmente a chegada de um grande número de soldados, certamente para amedrontar os promotores de eventos ou a população. Para todos isso era horrível, parecia estar numa praça de guerra e muitas pessoas ficavam com medo.

José Deia ficou admirado com sua atitude na catástrofe em Caraguatatuba, quando uma tremenda tromba d’água arrasou a cidade e destruiu totalmente as estradas na serra. Com a notícia de que as autoridades das cidades do litoral achavam que a recuperação era impossível e o governo deveria fazer um programa de melhoria na subida da serra em Ubatuba, Agenor Camargo, inconformado, disse: “Um paraibunense fez o traçado da descida da serra,

outro paraibunense vai desobstruir a descida da serra”. Imediatamente recorreu à empresa Camargo Correia, que, por intermédio do responsável pelas obras de construção das represas do Paraíbuna e Paraitinga, mandou que as providências fossem tomadas rapidamente. Não podiam perder tempo. Foi destacado para o alto da serra uma frota de seis tratores de grande porte, os mais pesados, e motoristas os mais competentes possível. Cada trator numa parte da serra. Foi um ato de muita coragem, muito perigoso, mas deu tudo certo. Deus ajudou. Em menos de trinta e seis horas a serra já estava desobstruída. Todos numa alegria só, principalmente o prefeito, Agenor Camargo, que convidou e comandou os presentes para formar um comboio e descer a serra. Era um domingo, e Deia estava no meio. Foi a maior surpresa para os moradores do litoral. No começo, só podia descer ou subir a serra uma turma de cada vez. Uma sai e, depois de sua chegada no alto da serra, a outra podia descer, sempre levando uma bandeira vermelha que marcava o último da fila. Esse ato marcou a sua administração.

Na prefeitura tinha um serviço de alto-falante, um dos melhores da região. Com sua eleição, alguém mandou retirar os aparelhos, mesmo o prefeito sendo da situação. Agenor Camargo não perdeu tempo, imediatamente recorreu às autoridades para processar os responsáveis. Ele não sabia, os aparelhos estavam em nome de Artur Navajas Junior. Eram de propriedade particular, emprestados para a prefeitura, e poderiam ser retirados a qualquer momento. Quando descobriu, correu pedir desculpas a Artur Navajas, prometendo retirar o processo o mais rápido possível. Com essa história, sua fama piorou.

A Câmara Municipal era contra o seu governo. Logo de início, reduziram seu salário, o que não era problema, pois não precisava do dinheiro. Os adversários tinham a maioria e ele não podia fazer nada. Qualquer tentativa seria barrada pela casa. Agenor Camargo não deu bola para esse fato, afirmava que quem perdia era o povo. Mandou fazer um quadro negro e pediu para seus auxiliares que o colocassem todos os dias na porta da prefeitura, com o saldo em caixa e o seguinte dizer: “O prefeito não pode fazer nada. A culpa é da Câmara Municipal”. Isso foi até o final do mandato.

Ainda no seu governo, surgiu uma oportunidade. A CESP precisava de um clube para os funcionários das obras da construção da barragem. Tentou uma parceria com a A.E.P., Associação Esportiva Paraibunense, prometendo fazer todas as reformas necessárias por sua conta. O presidente do clube era o Roberto Celeste, que também era secretário do prefeito. O vice-presidente era o José Alves Pereira, o José Deia, que estava intermediando o pedido. Era um bom negócio na opinião dele. Além do bellissimo prédio, uma sede a altura dos seus sócios, o lugar passaria a ser mais frequentado. No final, ficaria tudo para A.E.P.

O presidente do clube convenceu todos os conselheiros a votarem contra o pedido. O único voto a favor foi do vice-presidente. Resultado: A A.E.P. continuou abandonada e está abandonada até hoje. Deia pediu demissão do seu cargo. A CESP construiu na Vila Camargo uma confortável sede, que, ao término das obras, ficou também abandonada, sendo transformada em escola, depois supermercado. Hoje está novamente inutilizada. A culpa também ficou para o prefeito.

O mandato do Agenor Camargo estava terminando, não tinha nada para apresentar. Recorreu então ao governador do estado, que na época era o Dr.

Ademar de Barros, pedindo qualquer coisa. Ademar de Barros, que era seu amigo, respondeu: “Não tenho nada a oferecer. A situação do estado é a pior possível, mas tem uma verba que é para construir cadeias. Se servir, é sua”. O prefeito aceitou a oferta. Para quem não fez nada, a cadeia estava de bom tamanho.

Logo no final, teve uma surpresa. Por um ato constitucional, seu mandato foi prorrogado por mais um ano. Já cansado de ser prefeito sem poder fazer nada, transferiu o cargo para o vice, Amador Celeste, que ficou até o dia 31 de dezembro de 1968.

Assim deixou a prefeitura, com muito dinheiro no cofre, com uma fama ainda pior, sem nada fazer, mas provou que é muito honesto.

JAIME DOMINGUES DA SILVA 1969 A 1972

Jaime Domingues sempre foi uma esperança para todos na cidade, até os adversários acreditavam no sucesso deste seu governo. Assumindo a prefeitura, mesmo residindo em Taubaté, não decepcionou seus eleitores, mantendo uma mesma margem de aprovação durante o mandato. Começou a trabalhar, em poucos dias gastou todo o dinheiro que tinha em cofre, deixado por Agenor de Camargo Neves. Pagou a todos os funcionários, investiu em imóveis e comprou material para terminar seus projetos e continuar fazendo um bom governo, uma boa administração na prefeitura.

Jaime Domingues sempre foi ligado à igreja, desde a década de quarenta, quando tinha uma tipografia, na qual José Deia teve a oportunidade de fazer alguma coisa, até entregar a última edição do jornal o Paraibunense, quando parou de circular. Em 1970, quando a festa de Santo Antônio estava em vias de não mais ocorrer, por falta de festeiro e dinheiro, Jaime assumiu a responsabilidade e, logo, graças a Deus, lembrou do nome do Deia e pediu auxílio. Foi uma brincadeira, o que ele mais gostava de fazer era festa. É isso foi uma graça. Foi uma boa festa, tudo deu certo e teve uma boa arrecadação. Talvez por Seu Miguel Alves, grande festeiro, saber que podia não estar presente nas festas do futuro, já havia feito um pedido ao seu filho: “Deia, seja festeiro de Santo Antônio no próximo ano. Eu ajudo.” Faleceu no dia primeiro de junho de 1970, e, logo quando estava terminando a festa, Deia falou: “Seu Jaime, quero ser o festeiro de Santo Antônio em 1971, mas sozinho”. O prefeito respondeu: “É muito para uma só pessoa. Vou arrumar um companheiro.” Convidou Roberto Camargo, que aceitou a missão. Mesmo no começo dos trabalhos, início da campanha para arrecadação, pedidos de prendas, visitas aos fazendeiros, não se pode contar com a ajuda do parceiro Roberto. Deia tinha mandado fazer uma boa quantidade de canequinhas, canecas para chope e jarras, tudo com o desenho de Santo Antônio e símbolo da cidade. A intenção era não fazer leilão de gado, que segundo seu pensamento ficaria só para a festa de São Sebastião. Pelos cálculos, a venda de canecas aos fazendeiros já dava para fazer a festa. Tudo estava correndo conforme o planejado, quando Roberto Camargo, no primeiro dia da festa, primeiro de junho de 1971, teve uma indisposição no organismo. Ficou de cama e só levantou no dia 14 de junho, um dia depois da festa. Deus sempre sabe o que faz. Essa festa tinha que ser feita somente por Deia e foi o maior espetáculo da terra na cabeça dele.

Jaime colaborou com tudo. Era sonho de José Deia fazer do Fundão da Caixa D'Água um local de visitação pública, um recanto espetacular para piqueniques, ou um horto florestal. O prefeito deixou o Fundão um mimo, um local ideal para visitação pública. Olhando, não dava para acreditar como ficou bonito. Tinha vários lagos com peixes ornamentais, muita água potável, bancos para repouso e muitas áreas para lanches. Só vendo para crer. Deus não quis. Mandou no sábado, um dia antes da festa, uma tromba d'água como nunca visto. Acabou com tudo, até mesmo nosso sonho. Interessante foi que ninguém ficou preocupado com o estrago. No dia seguinte, no domingo, dia da festa, o Gilberto da Padaria ajudou muito. Ele foi o nosso fornecedor de carne. Depois de dar um espetáculo com seu cavalo, no meio do campo de futebol, local para onde foram transferidas todas as atrações que seriam no Fundão, Gilberto ajudou a vender o churrasco e foi um sucesso. Deu para recuperar uma boa parte do dinheiro. Não teve mesmo leilão de gado. A renda da festa teria que sair das vendas das canequinhas, canecas e canecões. Foram contratados dois espetáculos muito importantes para a cidade. O primeiro, um grupo de pessoas que, com uma moto muito bem preparada, devia subir até o alto da torre da Matriz por intermédio de um cabo de aço amarrado num poste fincado no chão, ao lado da Padaria do Artur Navajas. Foi um sucesso inacreditável, a notícia se espalhou por todas as cidades do Vale. Paraibuna ficou mais que lotada, tinha tanta gente que não dava para andar pelo Centro. A rodoviária, que pertencia a Milton Barbosa, e os ônibus tiveram que trabalhar 24 horas sem parar. No domingo à noite, mais um espetáculo, o táxi maluco, que tinha sido um sucesso na noite anterior, teve que se apresentar novamente, para atrair mais público ao local. Foi mais que um espetáculo, foi um sucesso total. O lado direito da igreja ficou pequeno para tanta gente, e mais uma vez, com ajuda de nosso amigo Gilberto, conseguiu-se vender toda a carne, que recheava um sanduíche suculento de pão com churrasco, de bom tamanho.

A participação nos atos religiosos ultrapassou as expectativas. A procissão foi a mais linda possível, com um andor móvel e anjos interpretados por meninas bem arrumadas, o Santo Antônio no meio, tudo montado num tablado em cima de um jipe. Os trabalhos foram executados pelo nosso amigo Renato Bertone, que não cansou de namorar o andor. Os arranjos ficaram a cargo do Carlinho da Igreja, que caprichou em tudo, foi o primeiro andor móvel que ele enfeitou. Tinha tanta gente na procissão, que enchia os olhos do festeiro de lágrimas. Tudo ficou na história e comentado pelo povo por muito tempo.

A não realização dos leilões de gado na festa de Santo Antônio tinha um motivo bem pensado, tudo conversado com o Padre Flávio, o Padre Baiano. A prefeitura estava em situação financeira precária. Assim, a festa de Santo Antônio, no dia 13 de junho, dia do aniversário da cidade, tinha que ser bem animada e realizada com a colaboração do povo. Por esse motivo, a renda da festa podia ser gasta mais com a comemoração do que qualquer outra coisa. Porém, os festeiros seguintes não levaram em conta esse argumento, e continuaram fazendo leilões. José Deia não imaginava que a situação financeira da cidade fosse ficar tão boa e as atividades não-religiosas passariam para a prefeitura.

Deia gostava muito de Jaime Domingues, deveriam ter muita coisa em par-

ticular. Sempre que Jaime visitava uma obra importante, ligava para ele, convidando-o para um passeio. Um dia, logo de manhã, ligou para Deia chamando-o para visitar as obras da Caixa D'Água, que daria à população em geral o prazer de saborear uma água limpa e muito bem tratada. Lá no alto, contemplando a cidade, ele logo falou: “As águas já estão sendo represadas. Logo tomarão toda parte baixa da cidade e formarão um lago no banhado. São pensamentos. O meu sonho é ver um lago ali naquele varjão”. José Deia não falou nada, mas pensou: “Isso pode ser temporário. As águas podem abaixar e o lago ficar seco”. O rio encheu, o lago parecia uma realidade. Mas uma tragédia aconteceu. Uma pessoa da família França apareceu morta no lago. Não se sabe como. Poderia ser um assassinato, mas por quê? Ele não dava nenhum motivo. Os adversários achavam que tinha sido uma fatalidade que de um certo modo parecia impossível. Não tinha cinquenta centímetros de profundidade. Sem considerar qualquer outra informação, apelidaram-na como Lagoa Assassina do Prefeito. Ainda bem que ela baixou e o terreno foi aterrado. Todos esqueceram o fato.

Jaime Domingues da Silva pode ser considerado um eterno líder da cidade.

WALFRIDO TIBURCIO VICE-PREFEITO ROQUE VIEIRA GONÇALVES 1973 A 1977

Walfrido Tibúrcio assumiu a prefeitura no dia 1 de janeiro de 1973, ficando no cargo até 15 de maio daquele ano, quando transferiu o cargo ao vice-prefeito Roque Vieira Gonçalves, que administrou a Prefeitura até o dia 15 de maio de 1975. O prefeito eleito saiu para cuidar dos seus interesses em sua terra natal, Alfenas – MG.

Nesse período, Roque Vieira Gonçalves só pôde administrar a prefeitura e mais nada. No dia 16 de maio de 1975, Walfrido Tibúrcio reassumiu o cargo para o qual fora eleito, terminando o mandato em 31 de janeiro de 1977. Não fez nada de bom.

Tentou construir pelo menos um centro comunitário, mas não conseguiu. Ficou faltando mais de cinquenta por cento das obras. Walfrido Tibúrcio procurou ajudar a população, fazendo muitas estradas rurais. Era só pedir e já estava sendo atendido. Dizia que a única coisa que tinha na prefeitura era uma plaina e um motorista, que deveria ter muita experiência, o Zé da Plaina, mas mais parecia um adversário do prefeito. Em cada estrada que ele deveria arrumar, tirar os buracos e deixar transitável, fazia exatamente o contrário. Tirava as pedras do centro das estradas e jogava de lado, ficando a estrada em terra pura, bastando apenas uma chuva para ficar intransitável.

A estrada do Ribeirão Branco, a melhor do município, construída pela CESP, Zé da Plaina conseguiu destruí-la totalmente. Tirou todos os cascalhos, jogando-os nas margens, deixando-a em terra pura, com apenas uma chuva ficou impossível e nem a plaina pôde sair de lá. A gritaria foi geral. Ninguém poderia sair do Ribeirão Branco e muito menos chegar lá. Zé da Plaina era cara de pau. Não deu bola para as reclamações e nada aconteceu para ele, continuando a ser funcionário da prefeitura no mesmo cargo, motorista da plaina. Walfrido deixou a prefeitura no dia 31 de janeiro de 1977.

JOAQUIM BENEDITO FONTES RICO 1977 A 1982

Não é fácil comentar o governo do nosso amigo Joaquim Benedito Fontes Rico, relatando como começou, como terminou e porque teve como colaboradores José Deia e João Rural.

Antes de tudo, José Deia e João Rural já tinham acertado o porquê da colaboração e como deveria ser feita. Passados alguns dias de sua posse, foram até a prefeitura. Logo de entrada em seu gabinete tiveram uma surpresa. Joaquim Rico e sua irmã Ana Maria estavam discutindo, esse é o melhor termo. Joaquim Rico queria saber o que fazer e Ana Maria queria saber como fazer. Os dois pediram licença e entraram no gabinete, mais ou menos sabendo o que estava acontecendo. Joaquim Rico foi logo dizendo a Deia e a João Rural que chegaram numa boa hora, falando à sua “secretária” que ela não sabia fazer nada. A dupla propôs: “É por esse motivo que estamos aqui. Somente uma coisa é preciso de imediato”, disse Deia, “Contrate o amigo João Rural para qualquer serviço, desde que fique à nossa disposição”. Pedido atendido. Nesse momento, criou-se a Comissão Municipal de Turismo, com José Deia, João Rural e Rubens Navajas. No dia seguinte, apresentaram um programa de trabalho ao prefeito e foi dito: “Peça tudo e mais alguma coisa que lembrar”. Um dos primeiros trabalhos da comissão foi reorganizar e apoiar o calendário de festas religiosas. Várias medidas foram tomadas de acordo com o Padre Antônio, então pároco da cidade. Uma delas foi a mudança da Festa do Divino do Centro para o Bairro do Espírito Santo. Foram construídas várias barracas desmontáveis para atender a todas as festas.

Era o governador, recém empossado, Paulo Egydio Martins. Tinha que se aproximar dele de alguma forma. Nessa mesma época deveria ser realizado a eleição do CODIVAP – Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba, fundado há pouco tempo. Paulo Egydio foi o primeiro superintendente. José Deia e João Rural conversaram com Joaquim: “Entra nessa que dá certo. Na terra de cego quem tem um olho é rei. Até agora só prefeito de São José foi eleito porque não tinha ninguém com coragem de ser candidato. Você não tem problema, não tem nada a perder. Se ganhar, tudo bem, se não ganhar, não tem problema”. O resultado foi mais do que esperado, foi eleito por unanimidade, só tendo um voto contra. Seu prestígio bateu nas nuvens. Conseguiu tudo o que pediu e mais alguma coisa, ainda ficou amigo do governador.

Uma curiosidade: O prefeito Joaquim Rico não gostava de visitar obras. Pediu conselho ao nosso amigo Altair Freitas, seu adversário, mas um dos colaboradores de José Deia e João Rural. Freitas disse: “Seu Joaquim, o senhor não conhece o nosso amigo José Deia? ”, “Está tudo pronto!”.

Construiu o campo de futebol com iluminação e tudo. Na inauguração teve até uma disputa na pista de atletismo.

Outro lance importante foi o término e inauguração do centro comunitário. Renato Bertone doou toda a instalação elétrica de sua fábrica de álbum, a Plastifoto, que foi desmontada havia pouco tempo em São Paulo, e mandou entregar a Deia e João Rural. Era o que estava faltando.

Depois foi a vez da Avenida São José, contemplada com a segunda pista. Na inauguração, durante a festa da cidade, Joaquim aproveitou a oportunidade para relatar todas as obras que fez nos anos que se passaram, tais como pon-

tes, estradas, escolas, calçamentos e muito mais, tudo debaixo de grandes aplausos.

Outro destaque foi a reinauguração do Mercado Municipal após reforma. Mais um sucesso.

Na prorrogação de mandato, ainda teve como amigo e compadre do seu pai, o governador eleito Paulo Salim Maluf, que, sabendo do prestígio do prefeito de Paraibuna, mandou mais duas verbas para nossa cidade, uma para construção de um prédio para uma rodoviária nova e outra para construir uma escolinha para crianças.

A escolinha ele conseguiu inaugurar ainda no último ano de seu mandato. A Rodoviária Nova, apesar de pronta durante sua administração, não foi inaugurada. Também não conseguiu inaugurar uma escola no Bairro do Espírito Santo por falta de energia elétrica.

Quanto à escolinha, estava entalada na garganta de muita gente, principalmente dos adversários do mandatário. Imagine o nome: RIQUINHO! Ninguém nem os seus amigos concordavam com isso. Com o prefeito seguinte, e num mês de férias, fevereiro, destruíram totalmente a escola e limparam o terreno com uma desculpa de que era para desobstruir o Largo do Mercado. Depois do sucesso de leilão de animais, rodeio e barracas com produtos de milho verde durante a Festa de São Sebastião de 1978, resolveu-se criar uma feira agropecuária na cidade. João Rural fez o projeto de criação da FAPAP, Feira Agropecuária do Alto-Paraíba, como trabalho de conclusão da sua faculdade de turismo. Aprovado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, o evento aconteceu pela primeira vez em janeiro de 1979. Mesmo assim, João não ficou muito tempo como funcionário da prefeitura. Na segunda FAPAP, teve problemas com o prefeito, que queria o monopólio do evento, proibindo principalmente o João Rural de tomar decisões. As baias acabaram de ser alagadas por um temporal, tendo que estar limpas com urgência. Juntamente com os demais responsáveis, como Gilberto, Rui Jorge, Sebastião Pereira, Joaquim Camargo, Roberto Camargo e outros, João Rural foi um cristo. Em seguida, o prefeito pegou duro no seu pé, alegando que nada poderia ser feito sem sua autorização. O que era impossível. Foi a gota d'água. João Rural pediu demissão do seu cargo na Prefeitura, ficando somente na Comissão Municipal de Turismo, como auxiliar de José Deia, quando precisasse dele.

O mandato do Joaquim Rico como presidente da CODIVAP era de quatro anos, terminando em 31 de dezembro de 1980. Então, uma emenda constitucional prorrogou até 1982 os mandatos iniciados em 1976, de prefeitos e vereadores, com o objetivo de melhorar a estruturação partidária. Nestes dois anos a mais, nada deu certo e não conseguiu mais ser líder na cidade. Terminado o mandato, agora disponível, Paulo Maluf, que também era compadre do seu pai, Augusto da Silva Rico, supondo um alto prestígio de Joaquim Rico, indicou-o para presidente da Associação de Prefeitos do Estado de São Paulo. Foi eleito e teve à sua disposição uma sala no centro da cidade de São Paulo. Logo depois de montar a mobília, se desentendeu com o governador e foi desalojado, ficando sem ter onde exercer suas funções.

JAIME DOMINGUES DA SILVA **1983 A 1988**

Jaime Domingues tomou posse de outro mandato no dia 1º de janeiro de 1983, com muitos problemas para resolver com as obras do seu antecessor, Joaquim Rico. A cozinha piloto, o prédio da escola do Bairro do Espírito Santo, o prédio onde deveria funcionar a rodoviária e a escola infantil com o nome de Riquinho.

A cozinha piloto, que já estava pronta, só faltando a sua inauguração, ficou parada, fechada por muito tempo. Hoje funcionam no local outras repartições da Prefeitura.

O prédio da escola do Bairro do Espírito Santo não foi inaugurado a tempo por falta de energia elétrica. A responsável pela distribuição era a CEDRAP – Cooperativa de Eletrificação da Região do Alto Paraíba, cujo presidente era Clóvis Faria Barbosa, que não fornecia energia porque o prefeito era seu adversário e só ligaria a luz na escola quando mudasse a administração municipal. Acabou fazendo o serviço seis meses depois da posse, graças a pressões da imprensa local e regional.

O prédio onde deveria funcionar a nova rodoviária foi mais fácil. O Jaime Domingues aproveitou a oportunidade e revogou todos os atos referentes à mudança da rodoviária e abandonou o prédio, que ficou fechado por muito tempo. A rodoviária continua no mesmo local até hoje.

O famoso Riquinho, a escola infantil, que já funcionava há mais de um ano, segundo amigos do novo prefeito, teria sido construída em local não apropriado. Estava ocupando um espaço que pertenceria à feira livre, além de ser um lugar de lazer da criançada da Rua da Bica. Tinha que ser destruída imediatamente, assim era a vontade dos amigos do prefeito. Não sabemos se o prefeito autorizou ou não, mas o Riquinho, em poucas horas, ficou totalmente destruído, e tiveram o cuidado de deixar o terreno limpo. O pior é que a população não se lembra de nada. O prefeito deixou todos os funcionários da escola O Riquinho às mínguas. Não pagou direitos e não deu satisfação a quem quer que seja. Nenhum funcionário foi reaproveitado em outras escolas, supondo que todos eram seus adversários políticos - o que não era verdade. Alguns entraram na justiça para recuperação de seus danos morais e financeiros e ganharam a ação, recebendo os valores cinco ou seis anos depois. Alguns deles foram para o grupo político de Jaime.

LUIZ DE GONZAGA SANTOS **1989 A 1992**

Luiz de Gonzaga Santos foi eleito prefeito para quatro anos, de 1 de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992. Todos acreditavam que o candidato seria Roque Vieira Gonçalves. A candidatura de Luiz Gonzaga foi uma surpresa, mas, no entender de José Deia, Paraibuna ganhou com a troca. Roque Vieira teve sua chance como prefeito interino no mandato de Walfrido Tibúrcio. Lembrando que Manoel Carvalho também foi o vice de Benedito Antunes Davi e fez num mês mais que o prefeito em quatro anos.

Luiz de Gonzaga, desde o início, parecia que seria um grande prefeito. Deixou sua marca. Reformou o jardim da praça, que ficou bem parecido com o primeiro jardim, restaurando um sonho dos mais antigos. Era melhor e muito mais bonito do que todos que conhecemos em nossa história. Deia lembrava,

e muito, de suas brincadeiras nas árvores e canteiros do antigo jardim. Tudo ficou em sua cabeça. Nenhuma reforma, por mais bem-intencionada que fosse, como a segunda reforma feita por Jaime Domingues, que melhorou e muito o visual da praça, agradou a Deia.

Luiz Gonzaga deixou mais uma marca em sua primeira gestão, a primeira Feira do Turismo em Paraibuna. Ele determinou ao Diretor de Turismo programar e realizar essa feira. O presidente do Turismo era o nosso amigo Walter Ebram, que convidou imediatamente José Deia para assessorar tudo. Os dois saíram à luta. O primeiro ato foi convidar o nosso amigo José Vilhena para participar, que, uma vez aceito, o mais seria tudo fácil. José Vilhena queria pensar no assunto, mas sua esposa disse que não tinha nada o que pensar, “Aceite logo! ”. Não desfazendo das outras, mas foi a melhor Feira do Turismo realizada em Paraibuna. Foi muito bem pensada, não faltou nada. Foram distribuídos milhares de convites da Prefeitura aos paraibunenses que residiam fora da cidade. Tinha segurança, pessoas para receber e orientar os convidados, responsável para atender os participantes e muito mais. A cidade ficou abarrotada de visitantes, a Festa de Santo Antônio ganhou muito com isso. Valeu a pena, tanto que temos Feira do Turismo até hoje. Luiz de Gonzaga teve mais dois mandatos como prefeito.

DR. ZÉLIO MACHADO SANTIAGO 1993 A 1996

Dr. Zélio Machado Santiago confirmou as teorias do Seu Miguel na eleição de Dr. Felipe de Mello. Ele foi eleito porque era médico. A população estava quitando uma dívida. Um médico que era considerado o pai dos pobres, quem podia pagava, quem não podia não pagava nada, dessa maneira trabalhava o amigo de todos, Dr. Zélio.

Ele queria ser um prefeito que ajudasse a todos, queria ser honesto e fazer tudo de bom para o povo de Paraibuna. Sua vontade convenceu seus amigos, José Deia e João Rural, que tinha voltado a Paraibuna exatamente para trabalhar para ele. Só faltava escolher bons assessores, que pudessem realmente ajudá-lo, o que não aconteceu. Seu assessor não foi bom, quis ser independente a ponto de fazer com que o prefeito Dr. Zélio fosse o pior possível, mas assim mesmo ele deixou algumas marcas.

Seu primeiro ato foi a construção do velório. Para Deia foi uma surpresa. A obra era esperada há muitas décadas. Dr. Zélio aprovou o projeto de João Rural e mandou construir a cozinha caipira no Largo do Mercado, fazendo uma homenagem ao Manezinho. Isso, além de preencher um espaço ao lado do prédio dos Correios e Telégrafo, foi muito útil para a cidade, que já estava precisando de um local para mostrar a todos, principalmente aos visitantes, o que tinha de bom em nossa culinária, servindo hoje também para realização de bingos, almoços e eventos beneficentes.

Atendendo à intenção do amigo João Rural, que já tinha combinado com o filho do prefeito e a Fernanda Alvarenga, esposa do amigo Wagner, foi feita uma reunião para combinar a criação da Fundação Cultural. Nessa reunião, o prefeito foi informado que existia uma pequena verba para isso e que, embora baixo, o custo da Fundação Cultural cairia quase para zero. As normas foram atendidas. O primeiro ato foi a criação de uma Diretoria de Cultura. O diretor foi o jovem Eduardo Rennó. Já como Fundação, Eduardo, presidente

interino, formou comissões que elaboraram lista tríplice ao prefeito com três nomes para o cargo de Presidente da Fundação Cultural. A lista tinha os nomes de Eduardo Rennó, João Rural e José Deia. Eram as normas da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Foi escolhido para presidente o Eduardo Rennó. Ato importante de Zélio foi a doação do prédio atual para a entidade. Foi escolhido o nome de Benedicto Siqueira e Silva para batizar a Fundação. Com a eleição Luiz de Gonzaga Santos para novo mandato na prefeitura, Eduardo pediu demissão para facilitar a transição.

O prefeito Dr. Zélio, logo que eleito, transferiu as verbas e autorização do loteamento do Areião para o bairro do Cuba. Se fosse exclusivamente para ajudar o pessoal do Cuba, seria nota dez, mas na verdade foi para prejudicar o loteamento e a pessoa do prefeito passado, Luiz de Gonzaga.

Por último, o calçadão do centro da cidade, mais precisamente no início da Rua Cel. Camargo e parte da Praça da Matriz. Na verdade, os comerciantes da Rua Cel. Camargo não foram consultados, mas todos eram contra, com a alegação de que o espaço central da cidade era muito pequeno. Já não tinha muito lugar para estacionamento e o movimento comercial cairia além do esperado, o que na realidade aconteceu. Enquanto isso, o comércio no resto da cidade aumentava muito.

Dr. Zélio poderia até ser um bom prefeito, muito honesto, suas intenções eram as melhores possíveis, tanto que João Rural e José Deia queriam ajudá-lo, mas seu assessor principal não admitia nenhuma interferência na administração. Dr. Zélio sempre foi bem-intencionado, com boa vontade, querendo ajudar a todos, fazer uma administração exemplar. Ele não pode ser considerado o pior prefeito que a prefeitura já teve.

LUIZ GONZAGA SANTOS 1997 A 2000

Luiz Gonzaga foi eleito prefeito para seu segundo mandato. “Será que ele foi um bom prefeito no primeiro mandato? Não sei.”, dizia José Deia, mas foi reeleito também para o terceiro mandato de janeiro de 2001 a dezembro de 2004. No primeiro mandato, deixou uma marca espetacular, que foi a reforma de nosso jardim. No terceiro mandato, reeleito, apesar de alguns problemas de saúde, deu tudo certo.

Uma pessoa que foi eleita, depois novamente para um segundo mandato e reeleita não pode ser criticada. Para tudo isso tem uma explicação, no mundo inteiro isso acontece, é o tal de populismo. O voto do populismo não é um voto bem consciente, é um voto contra qualquer coisa, muitas vezes contra os cartolas, aqueles que são políticos com interesse próprio, ou contra pessoas radicais, que querem impor sua vontade a qualquer preço. Em Paraibuna tivemos dois populistas. Um é o nosso amigo Jaime Domingues da Silva, amigo de todos, desde os quando era tipógrafo na década de 1940. Além disso, foi o melhor prefeito que Paraibuna já teve, quase tudo que temos na cidade foi ele que fez. A segunda pessoa que podemos afirmar é o nosso amigo Luiz Gonzaga Santos, que, desde sua infância, já era amigo de todos.

LUIZ NOBERTO LOUREIRO **2005 A 2008**

O povo de uma maneira geral acreditava no prefeito eleito. Deu um voto de confiança para Loureiro sob a justificativa de muitas incertezas, incompetência e muito mais dos prefeitos anteriores. Achavam que Loureiro, um cidadão paulistano, que já convivia com o meio político, tinha condições de resolver qualquer problema de Paraibuna. Com o prestígio que parecia ter em São Paulo, seria a pessoa ideal para Paraibuna. Logo nos primeiros dias contratou, não sabemos se foram de duas firmas ou de uma firma com dois sócios, duas pessoas com o conceito pior possível.

Loureiro até que fez algo para esta cidade. Conseguiu colocar em ordem jurídica a situação da Fundação Cultural para poder nomear um novo presidente. Encarregou João Rural e o advogado João Camargo de fazerem um levantamento geral na instituição e constatou que a situação era a pior possível. Não tinha uma ata registrada, todas as nomeações estavam irregulares, tinha até dois funcionários da prefeitura como membro do Conselho da Fundação, o que era proibido pelo estatuto. Reunidos todos os documentos que comprovavam as irregularidades, eles foram remetidos para a promotoria pública. O responsável pela regularidade da Fundação é o Ministério Público, e não os administradores da época, inclusive o prefeito. O promotor procurou o prefeito, explicou a situação e, para não prejudicar ninguém, pediu que o prefeito tivesse paciência, não fizesse nada, e ele ajudaria a acertar tudo. Não fez intervenção como disseram, deixando o então presidente Roque Vieira no cargo até vencer seu mandato em 31 de março de 2005, quando foram nomeados William Joseph, José Vicente e Iara Prado, em comum acordo com a promotoria. A Fundação pôde funcionar e Loureiro fez uma parte importante para sobrevivência da entidade: aumentou a verba. Mas a legalização completa foi se arrastando e, somente em 2014, a diretoria Fábio Rocha, Márcio Mayo e Mathias conseguiu concluí-la.

Novamente, José Deia e João Rural se prontificaram a ajudar no governo no setor de turismo e cultura. Realizaram um sonho, transformar o fogado em patrimônio imaterial da cidade, mas que todos já esqueceram. Infelizmente, a ajuda demorou menos do que com o governo de Joaquim Rico. Logo em junho de 2005, na organização da festa de aniversário da cidade, Loureiro mostrou sua prepotência e João Rural desistiu da empreitada novamente.

Loureiro queria aumentar a arrecadação da cidade. Mandou um projeto para a Câmara Municipal propondo a regularização dos loteamentos e prédios já construídos. Todos teriam que pagar IPTU. A Câmara Municipal não aprovou. Na opinião de José Deia, foi um erro. Loureiro já estava desacreditado, jamais ganharia uma eleição, ninguém gostava dele, ninguém conseguia falar com ele nem mesmo em seu gabinete. Como dizia nosso amigo Higinio Faria Nogueira, já falecido, tem um mata-burro na frente do gabinete e não passa ninguém. Com uma medida como essa, antipática, prejudicando uma boa parte da população, quem pagaria o pato seria o Loureiro, que hoje nem reside mais em Paraibuna, e os beneficiados seriam os novos prefeitos, que receberiam mais IPTU e mais verba do Governo do Estado.

JOSÉ ANTONIO MARCOS DE BARROS 2009 A 2012

Ao prefeito eleito Antônio Marcos Barros, primeiramente, os agradecimentos de José Deia. Jaime Domingues, quando derrubou, ou melhor, pôs por terra o salão de teatro anexo ao prédio onde está instalada a Câmara Municipal, atendeu um pedido de Deia, colocando o nome da ladeira com duas pistas de Beco do Coqueiro. Faltou plantar os coqueiros, talvez não tenha tido tempo. Passaram-se muitos prefeitos, mas o Deia não se cansou, pediu a todos o plantio daquelas árvores. Todos prometeram, mas não cumpriram. Jaime Domingues, no seu terceiro mandato, tinha como auxiliar o nosso amigo Antônio Elpídio. Num dia, chegou ao Bazar do Deia e disse: “Pronto! O seu pedido foi atendido. Plantei os coqueiros. Dois nas pontas e um no centro”. Aconteceu, porém, que o último coqueiro, o que estava mais em baixo, não vingou. Outra agonia. O Deia continuou insistindo. Ele ainda pediu ao Dr. Zélio para que concluísse a calçada ligando a cidade ao Bairro do Cuba, se possível dos dois lados da avenida, para evitar atropelamentos e outros problemas que poderiam acontecer. O médico-prefeito cumpriu a primeira parte, completou a calçada subindo do lado esquerdo, mas a do lado direito não, talvez por falta de tempo. Passados alguns dias da posse, Barros, depois de ter atendido o primeiro pedido de Deia, o plantio do coqueiro que faltava, num encontro casual disse: “Vou atender mais um desejo seu. Vou mandar fazer a calçada do lado direito até o Cuba”. Logo em seguida, subindo de carro, já se viram pessoas trabalhando no local, com apoio total do vice-prefeito Vitão. Além de obras em toda a subida, ainda fizeram um ponto de ônibus, uma praça. Ficou um verdadeiro cartão de visita da cidade. José Deia aprova o primeiro mandato do prefeito Barros e seu vice, o Vitão. Barros e Vitão foram reeleitos para o período de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2016.

31 DE DEZEMBRO DE 2012

Termina aqui o ciclo de prefeitos, com pequenos comentários, poucas críticas e muitos elogios. Por mais silenciosa que seja a vida, sempre tem alguém que pode registrar muitas coisas, tirar tudo do silêncio e mostrar que o voto é um ato de confiança que se dá a alguém, externando o seu desejo, a vontade de ver um mundo melhor. Não é isso o que aconteceu nos últimos sessenta anos, com raríssimas exceções. O que se viu foi uma total falta de responsabilidade, um apego a valores. Paraibuna, se cresceu, foi sozinha, de teimosa, e graças a Deus, até certo ponto, se transformou numa cidade maravilhosa, amiga, acolhedora. Teve filhos famosos que poderiam ser o orgulho para todos os paraibunenses, mas se esqueceram até que nasceram nesta cidade.

TODOS OS PREFEITOS FORAM AMIGOS DE ZÉ DEIA

VEREADORES

José Deia não nota nada de importante no mandato dos vereadores desde 1948 até hoje, a não ser pequenas brigas e o fato de todos ou quase todos terem o mesmo pensamento: “Aos amigos tudo! Aos inimigos, a lei!”; ou melhor, se for amigo aprova-se tudo e se for inimigo nada será aprovado. Após a ditadura de Vargas, o Brasil começou a respirar novamente a democracia. As coisas estavam mais ou menos em ordem na República com a eleição de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, para presidente da República, para governar o Brasil de 1947 a 1951. A partir daí, foram regulamentadas e organizadas eleições estaduais e municipais para o ano de 1947.

Ficou marcado, em 1 de janeiro de 1948, o termo de posse que apresenta na página 1 do livro de posse (1948 a 1996) os seguintes dados: “Termo de compromisso a ser assinado pelos vereadores e prefeitos eleitos à Câmara e a Prefeitura Municipal de Paraibuna no teor seguinte: ‘PROMETEMOS EXERCER COM DEDICAÇÃO E LEALDADE O NOSSO MANDATO, RESPEITANDO A LEI E PROMOVEDO O BEM GERAL DO MUNICÍPIO’”.

Paraibuna, 1 de janeiro de 1948 – abaixo as assinaturas:

Nicanor de Camargo Neves,
Antônio Tavares de Almeida,
Augusto da Silva Ricco,
Gumerindo Silva Barreto,
Antônio José de Faria,
Benedito Monteiro de Andrade,
Benedito Santos Miranda,
Benedito Nogueira Santos,
Vicente Vieira de Almeida,
João Bento Rangel,
Alberto Carneiro Pinto,
Vicente Barreto,
Benedito Torraque,
Felipe de Melo,
Benedito Antunes David Primo,
Arthur Navajas Júnior,
João Elpídio Correia,
Sebastião Xavier de Moura,
Paulo Alves de Lima,
Alfredo Daher, e
José Nicanor Leite.

POR ORDEM, FORAM PRESIDENTES DA CÂMARA

- Dr. Nicanor de Camargo Neves

De 1947 a 1950

- Antônio José de Faria

Em 1951, como vice do Dr. Nicanor.

- Agenor de Camargo Neves

De 1952 a junho de 1953

- Benedito Antunes David Prino

De julho de 1953 a julho de 1954
- Dr. Rui de Mello
De agosto de 1954 a dezembro de 1955
- Nelson Gonçalves Costa
De 1956 a 1957
- Máximo Monteiro dos Santos França
De 1958 a 1959
- Alcides Alves Pereira
Em 1960
- Antônio Nogueira Santos
De 1961 a 1963
- Dr. Felipe de Mello
De janeiro a março de 1964
- Jaime Domingues da Silva
De abril de 1964 e 1965
- Lauro Vieira Gonçalves
Em 1966
- Joaquim Alves de Oliveira
De janeiro a agosto de 1967
- Dr. Felipe de Mello
De setembro de 1967 a agosto de 1968
- Antônio Nogueira Santos
De setembro de 1968 a janeiro de 1969
- Clovis Faria Barbosa
Em 1969 a 1970
- Walfrido Tibúrcio
De 1971 a 1972
- Clovis Faria Barbosa
De 1973 a 1974
- José Ribeiro dos Santos
De janeiro a março de 1975
- Clovis Faria Barbosa
De abril a setembro de 1975
- José Leite de Faria
De outubro de 1975 a janeiro de 1976
- Clovis Faria Barbosa
De fevereiro a novembro de 1976
- João Vicente de Faria
De dezembro de 1976 a janeiro de 1977
- Dr. Washington Luiz Cantinho
De 1977 a 1978
- Mário Reno das Neves
De 1979 a 1980
- Roberto Celeste
De 1981 a 1982
- Luiz de Gonzaga Santos
De 1983 a 1984
- Altair de Freitas
De 1985 a 1986

- José Toledo Diniz
De 1987 a 1988
- Lauro Eduardo Prado Gonçalves
Em 1989
- Wagner Tadeu Vieira Santiago
Em 1990
- Dr. Washington Luiz Caninho
De 1991 a 1992
- Milton Fernando Barbosa
Em 1993
- Numa Pontilho Sampaio
Em 1994
- Paulo de Carvalho Alves
Em 1995

- Evânio Leal de Lima
Em 1996
- Antônio Marcos de Barros
De 1997 a 1998
- José Fabiano de Barros
De 1999 a 2000
- João Batista de Oliveira
De 2001 a 2002
- Paulo de Carvalho Alves
De 2003 a 2004
- José de Oliveira Rangel
De 2005 a 2006
- Marcos Antônio de Carvalho Lima
De 2007 a 2008
- Agostinho Klinger Vitório
De 2009 a 2010
- Sebastião Faria Barbosa Junior
De janeiro de 2011 a junho de 2011
- Daniel de Oliveira
De julho de 2011 a dezembro de 2012
- Lauro Eduardo Prado Gonçalves
2013
- Agostinho Klinger Vitório
2014

O vereador que mais vezes ocupou a presidência da Câmara Municipal de Paraibuna foi o Clóvis Faria Barbosa, com cinco anos e quatro meses.

Por mais que José Deia tenha procurado, pesquisado, perguntado, principalmente a ex-vereadores, o que foi feito de bom e de interesse público pelos legisladores municipais desde 1947, a resposta foi unânime: NADA FOI FEITO.

No dia 29 de abril de 2014, teve uma reunião muito importante do Conselho Consultivo da 1ª Sub-Região de São José dos Campos e Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, cuja pauta discutida foi “DROGAS”. Segundo consta no Boletim Legislativo da Câmara Municipal, edição nº 1 de 2014, figuras importantes estiveram presentes. Não sabemos o resultado da reunião, mas o que temos a informar é que no final do ano de 2014, em dezembro, teve na cidade um comércio pesado de drogas. Sabem em que local? Nos fundos do Mercado Municipal.

É bom que todos os vereadores e prefeitos leiam com atenção o termo de compromisso que todos os vereadores e prefeitos eleitos assinaram em 1947.

JOÃO EVANGELISTA DE FARIA

O JOÃO RURAL

João Rural morreu. No dia 23 de junho de 2015, Paraibuna sofreu a sua maior perda humana. Nascido em 3 de junho de 1951, ele fez muito pela cidade. Foi uma figura que só queria ajudar a terra em que nasceu. Infelizmente, as

autoridades não pensaram assim. A sua vontade de trabalhar por Paraibuna era maior que a vontade política de muitos em sua cidade. João Rural, com a vontade de fazer algo importante para cidade, só arrumou inimigos.

Ele se revelou na administração do Joaquim Rico, eleito prefeito de Paraibuna em 1977. Incentivou o turismo na cidade, ajudou a fundar a FAPAP, Feira Agropecuária do Alto-Paraíba, que por muitos anos foi um sucesso, colaborou na reforma do Mercado e muito mais. Não sendo possível continuar colaborando para o sucesso da FAPAP, João foi para Jacareí, onde foi um dos fundadores da FAPIJA, Feira Agropecuária e Industrial de Jacareí. João Rural continuou como assistente e colaborador desse evento até sua morte. Na cidade, só foi conseguir colaborar novamente com o Prefeito Dr. Zélio, construindo a Cozinha Caipira, e muito pouco com o Prefeito Loureiro. Nunca como político, apenas como voluntário, querendo ajudar nossa Paraibuna.

Mostrou suas qualidades com jornal, revistas, livros de fotografias e muito mais. Quando da sua morte, nunca se viram tantas homenagens a uma pessoa daqui. Teve seu nome em jornais, principalmente no O Vale, com uma página. Apareceu também em noticiários importantíssimos na TV Globo, com três edições. Uma logo antes do falecimento, em razão da festa, outro no dia em que ele se foi e mais uma na madrugada de sábado do dia 4 de julho de 2015. Saiu também na TV Band, com quase uma hora. Só faltou ser prestigiado pelas autoridades de Paraibuna.

Por coincidência, a leitura do Evangelho do domingo dia 5 de julho de 2015 foi assim:

Mc 6, 1-6 – Jesus foi a Nazaré, sua terra, e seus discípulos o acompanharam. Quando chegou sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam, admirados, diziam: De onde recebeu tudo isto? Como conseguiu tanta sabedoria? E esses grandes milagres que são realizados por suas mãos? Este homem não é carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? Suas irmãs não moram aqui conosco? Jesus lhes dizia: Um profeta só não é estimado em sua pátria, entre seus parentes e familiares. E ali não pode fazer milagre algum.

Comparando: Quem é esse cara? Não é o João Faria, cabeludo que trabalhava no Bazar do Deia, irmão do José Vicente, filho da D. Malvina? Onde ele aprendeu tudo isso, fazendo esse montão de coisa, jornais, revistas, álbuns de fotografia e muito mais? Pois é! Esse cara é o JOÃO RURAL!

JOÃO FARIA

1951 a 2015

Em 1969, numa segunda-feira logo de manhã, D. Gioconda, esposa do Mauro Mariano Leite, antigo proprietário do Bazar do Deia, procurou o José Deia contando uma história, em seguida fez um pedido: “Por favor, contrate o João Faria, filho de D. Malvina, para trabalhar aqui. Seu pai faleceu há pouco tempo, e sua família está sem rendas. Estão passando fome!”. O bazar estava mesmo precisando de uma pessoa para trabalhar com revista, vender e comprar discos, e o nosso amigo veio a calhar. Em pouco tempo, João Evangelista de Faria ficou entrosado no assunto, aprendeu de tudo, virou especialista. Sabia muito bem comprar discos em São Paulo e vendê-los, com um belíssimo conhecimento de músicas e lançamentos. De 1971 a 1973, trabalhou também para o Antônio Reis, que tinha uma distribuidora de jornais e revistas.

Logo em seguida, Márcio José, filho de José Deia, tinha terminado o segundo grau e precisava continuar os estudos. Surgiu uma ideia, não se sabe de onde nem como, e João Faria resolveu também estudar, fazer turismo em São Paulo. Os dois arrumaram um apartamento, num prédio bem próximo ao centro da capital, ao lado do viaduto que ligava a Avenida Celso Garcia ao Centro, e não muito longe de onde deveriam estudar. Márcio José tinha sido aprovado no vestibular da FMU, Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo, onde cursou Administração de Empresa. João Evangelista de Faria deveria estudar numa faculdade de turismo em Santana. Láficaram os dois durante uns quatro anos. Nesse período, não largaram Paraibuna. Márcio José já tinha representações de várias firmas que distribuíam jornais e revistas, e continuou administrando esse serviço.

Em 1976, Joaquim Rico foi eleito prefeito de Paraibuna, tomando posse no dia primeiro de fevereiro de 1977. Foi quando, atendendo um pedido do José Deia, nomeou João Evangelista de Faria. João pegou bem o serviço e tornou-se o braço direito do prefeito. Quase tudo que foi feito na cidade tinha o dedo do nosso amigo João Evangelista, inclusive as festas da cidade. Primeiro foi a de São Sebastião, que deu origem à FAPAP em 1978. Organizou a festa de São Benedito, a Festa do Divino Espírito Santo, transferida para o Bairro do Espírito Santo, e, por último, a Festa de Santo Antônio, um sucesso absoluto. É pena que muito pouco continuasse, tudo o que foi mudado e o que foi adotado não foi preservado. João Evangelista de Faria não ficou até o fim do mandato, deixou a prefeitura por desentendimento, exatamente na FAPAP, que estava sendo um grande sucesso.

Saindo de Paraibuna, foi logo para Jacareí, no ano de 1983, quando colaborou na fundação da FAPIJA, um sucesso até esta data e onde o Senhor João Evangelista de Faria continuou trabalhando nas organizações do Evento até antes do seu falecimento.

Em 1980, lançou o primeiro livreto com histórias de Paraibuna.

Em 1981, lançou um caderno com poemas do Seu Siqueira.

Em 1982, foi lançado o primeiro guia turístico de Paraibuna, mostrando a represa. No mesmo ano, uma coletânea de fotos antigas de Paraibuna e cidadãos paraibunenses. Também produziu o primeiro show do Grupo Rio Acima.

No ano de 1983, fez uma reedição do Almanach de Parahybuna e lançou a

Revista Vale Rural, que foi até o ano de 1987. Começou a escrever e fotografar para o Vale Paraibano, onde foi também editor do Suplemento Rural, com a criação de vários outros suplementos no mesmo jornal. Foi ainda proprietário do Caipira Restaurante Bar, de 1983 a 1987.

Em 1987, foi o criador dos “Stilosos”, um time de futebol.

Em 1990, fez o lançamento da TV Caipira.

Em 1993, fez circular na cidade o jornal Folha da Serra, que foi um sucesso.

Em 1994, idealizou a cozinha caipira “Manezinho Stábile”.

Em 1998, foi para Silveira, ficando lá até o ano de 2000, quando teve condições de lançar a Revista Vida Rural, que circulou até o ano de 2001.

Em 1999, faz sua primeira publicação com receitas da cozinha tropeira do Vale do Paraíba.

Em 2001, foi para o litoral, onde fez várias pesquisas, e lançou a Revista Nascentes, que circulou até o ano de 2005.

Em 2002/2003, produz para a TV Band Vale, o programa Fogão do João Rural, juntamente com o amigo Júlio Neme.

Em 2003, lançou o Guia Valemare uma revista de turismo com o mesmo nome.

Em 2006, depois de uma boa pesquisa, lançou a primeira Revista Nascentes do Rio Paraíba.

Vale Rural foi um suplemento criado por João Rural quando estava trabalhando no jornal Vale Paraibano. Quando saiu, continuou com uma publicação em formato de revista. A marca era dele. Mais tarde, ele a cedeu oficialmente ao Jornal Vale Paraibano.

O que mais marcou na vida do nosso estimado amigo João Rural foram as culinárias do Fundo do Vale, onde ele passou mais de dois anos, documentando, fotografando a vida, costume do seu povo e tudo mais. João Rural ficou encantado com o Fundo do Vale, tudo para ele era maravilhoso.

Consegui criar um acervo com mais de setenta mil fotos. Morou por muito tempo em Silveiras, aprofundando pesquisas sobre tropeiros e tropeirismo. Ele gostava muito de falar sobre as paradas das tropas para descanso dos animais: “As paradas se davam a cada 24 quilômetros, o que determinou a distância de cada cidade do Fundo do Vale”.

De Silveiras, ele saía para outras cidades, aproveitando para fotografar cerâmicas em Cunhas, figureiros em Taubaté e também pássaros entalhados em madeiras e outras particularidades da região. Em Silveiras, conver- sou muito com as pessoas mais humildes, os caipiras da região, aprendendo muito sobre a culinária, principalmente os pratos doces, verduras consu- midas, a importância do milho na base culinária. Tudo isso foi o que mais despertou interesse de João Rural.

Logo em seguida, levou suas panelas e foi cozinhar no Revelando São Paulo, no Parque da Água Branca. O que ele gostava de falar, divertindo-se muito, era sobre seu fusca marrom, que fez cair o queixo das pessoas na frente do Hotel Grand Hyatt, onde foi realizado um encontro em 2012 do “Paladar” do Estado de São Paulo.

João Rural fez muitas outras pesquisas, inclusive do Litoral Norte Paulista, escrevendo até um livro que foi um sucesso.

Fez também, com auxílio da Vale Projetos e Eventos, e patrocínio da Petro- bras, um livro a respeito, com o nome de Nascentes do Paraíba do Sul, suger- indo e mostrando a importância da preservação das nascentes desses rios.

Sempre focado e sem-cerimônia, João Rural não conseguiu apenas simpa- tia por onde passou. As pessoas mais ferrenhas, políticos, não têm motivos para negar a contribuição que foi dada para a preservação das memórias e tradições da região, principalmente de Paraíba.

Realizar muito sem nenhum recurso era sua especialidade. Não se sabe onde ele aprendeu isso. Seja lá como for, ele conseguiu superar tudo isso. Mesmo como jovem, quando começou a trabalhar no Bazar do Deia, já era assim. Já tinha esse costume.

Venceu e conseguiu superar tudo, mostrando a todos o que ele era capaz de fazer. Festas, eventos, acontecimentos, em tudo ele estava presente, fotografando, opinando, para que tudo desse certo, tudo fosse um sucesso absoluto. Era um grande observador.

Um dia, ouviu o dono da Marina Paraibuna oferecer o local na represa para um representante das competições de velas no Estado de São Paulo. Pensou: “Nem de graça essa oferta pode ser aceita. No litoral nunca vai faltar água. Sempre será um local ideal para essas competições. Aqui, na represa de Paraibuna e Paraitinga, um dia vai faltar água e as competições podem ficar prejudicadas”. Acertou em cheio, hoje não temos muita água no lago e dificilmente tudo voltará ao normal.

Na última conversa que tivemos, sua preferência era culinária, mostrar a todos como era a cozinha antigamente e também escrever tudo sobre sua vida. Infelizmente, José Deia replicou: “Faça logo isso, senão pode não dar tempo”.

Seus sonhos eram muitos. Tudo o que ele fez ainda achava pouco, dizia que poderia fazer muito mais.

João Rural faleceu na madrugada do dia 23 de junho de 2015, deixou lembrança e seu nome Brasil inteiro.

OFERECIMENTO

Ofereço este livro aos meus filhos, Márcio José, Clara Márcia, Cláudia Margaret (in memoriam), Carla Maria e Teresa Benedita. Aos netos: Marina e Clara, Gabriela e Bianca, Miguel e Vedrana, Luiz Paulo e Marília. Aos bisnetos: Mel, Maria, Betina, José Miguel, Miguel e Ana. Todos a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos aos meus amigos, Dr. Tarcísio Calazans de Araújo (in memoriam) e ao grande parceiro e amigo João Rural. Sem eles, nada disso poderia ser feito.

HOMENAGEM

Não poderia deixar de homenagear a pessoa de Dirce Moreira, minha grande companheira, amiga, uma pessoa que se interessou pelo meu bem-estar, minha saúde, minha vida e sempre ajudou nos meus trabalhos, trazendo somente muitas alegrias.

José Deia